



WIDA

iztR

1-3 NOVEMBERO
1974

ICHUD HABONIM
KIBUTZ HACHSHARA' EIN DOROT

TEMA'RIO

S A U D A Ç Õ E S

- I - A VII VEIDÁ ARTZIT num momento político internacional difícil para a Mediná, - sauda seu povo, seu governo, assegurando-lhe fortificação em sua segurança nacional, ao mesmo tempo em que possa trilhar o caminho de uma paz real e assegurar o engrandecimento do povo judeu.
- II - A VII VEIDÁ ARTZIT sauda as instituições sionistas brasileiras pelo seu trabalho em prol da nossa realização.
- III - A VII VEIDÁ ARTZIT sauda o kibutz Bror-Chail, vanguarda do ishuv e do sionismo brasileiro.
- IV - A VII VEIDÁ ARTZIT sauda o Vaad Hanoar e a Organização das Pioneiras pelo seu louvável trabalho no que tange à compreensão de nossos problemas e o seu integral apoio ao nosso trabalho diário.
- V - A VII VEIDÁ ARTZIT sauda as tnuot chalutzianas no Brasil assegurando-lhe fortalecimento nas suas fileiras bem como espera seus apoios para futuras atividades conjuntas.
- VI - A VII VEIDÁ ARTZIT sauda a nossa Maskirut Olamit como também a todas as tnuot territoriais que figuram no nosso Movimento, desejando-lhes fortificação e engrandecimento.
- VII - A VII VEIDÁ ARTZIT eleva um voto de pesar aos jovens que pereceram defendendo o direito à existência nacional do povo judeu em Eretz Israel, ante à vil agressão arabe, bem como aqueles que pereceram vítimas do hediondo terror palestino.
- VIII - A VII VEIDÁ ARTZIT conclama a juventude judaica no mundo a se unir em prol da luta contra a repressão dos judeus na União Soviética.
- IX - A VII VEIDÁ ARTZIT clama o homem livre de todo o mundo a condenar e a alarmar-se contra qualquer atividade anti-judaica ou anti-sionista em qualquer canto do mundo.
- X - A VII VEIDÁ ARTZIT conclama o ishuv brasileiro a cerrar fileiras em torno da luta contra a alienação do judaísmo brasileiro e a enviar seus filhos à escolas judaicas e aos movimentos juvenis.
- XI - A VII VEIDÁ ARTZIT rejubila-se com a posição de simpatia manifestado pela Holanda, em relação a Eretz Israel, não se dobrando ante a chantagem arabe.
- XII - A VII VEIDÁ ARTZIT estende o seu voto de pesar pela morte do ex-Presidente Zalman Shazar assim como pela perda de seu líder David Ben Gurion, que, mais que a expressão de um excepcional ser humano, é a própria expressão do Estado de Israel, e de sua ideologia: "que assim como Ben Gurion, o Estado de Israel, existirá para sempre!"

VI VEIDÁ ARTZIT - SEDER HAION

Dia 31	21,00 hs.	Messibá festiva de abertura
	23,00 hs.	Viagem ao kibutz Haschará Ein Dorot
Dia 01	9,00 hs.	Sessão preparatória: Aprovação do regime interno Eleição da mesa e comissão permanente.
	9,30 hs.	Leitura de estatutos Apresentação e discussão dos relatórios
	14,00 hs.	Início de apresentação das teses, e discussão em plenário. O tempo de apresentação das teses será determinado pela mesa. Apresentação das teses tomará <u>to</u> o resto do dia.
Dia 02	8,00 hs.	Início dos trabalhos das comissões.
	16,00 hs.	Retorno ao plenário para a apresentação e discussão dos trabalhos das comissões.
Dia 03	8,00 hs.	Continuação de apresentação de trabalhos das comissões e discussões em plenário. Votação de resoluções e recomendações Eleições e designações. Encerramento.

RECIMENTO INTERNO

DA PARTICIPAÇÃO:-

- Participam da Veidá como delegados com direito a voz e voto:
 - a - Os delegados dos snifim, à razão de um delegado por vinte chaverim, ou fração maior de quinze.
 - b - Os chaverim da Hanhagá Artzit.
 - c - Duas delegadas da Organização das Pioneiras.
 - d - Dois delegados da Tnuá Haavodá Hatzionit.
 - e - Um delegado do kibutz Bror Chail.
 - f - Delegação de Vaadei Noar.
 - g - Um delegado da Maskirut Olamit.
- As sessões serão públicas para chaverim da - shihvá Aliá para cima.

DAS SESSÕES:-

- A Veidá considera-se em sessão permanente até esgotar seu temário. Considera-se em quorum o plenário com a presença do dois terços dos chaverim delegados. Serão consideradas nas sessões sómente os itens concluídos no temário, cuja ordem poderá ser alterada pelo voto de dois terços dos chaverim delegados. A sessão de abertura será dirigida pela comissão preparatória assumindo a direção da Veidá, na primeira sessão regular do plenário, o Presidium devidamente eleito.

DO PRESIDIUIM: -

Constará a mesa de um Ioshev Rosh, um Sgan-Ioshev Rosh e dois secretários de ata.

DAS PALAVRAS E VOTO:

- a- Tem direito a voto todo chaver delegado à Veidá.
- b - Os votos serão contados individualmente e não por delegação.
- c - A mesa votará regularmente, com exceção do Ioshev Rosh, que votará em caso de empate, em carater decisivo.
- d - Na comissões, decidir-se-á, em instância final por votos, ficando emtretanto factível o despacho de minoria ao plenário, a critério da mesma.
- e - As resoluções do plenário são tomadas por maioria simples de votos.

- f - Terão direito a palavra todos os delegados, suplentes e observadores credenciados à Veidá, permitindo-se-lhe falar no máximo cinco minutos, com direito a prorrogação por mais cinco minutos a critério da mesa, quando intervem pela primeira vez e cinco minutos sem prorrogação nas intervenções seguintes: excluem-se dessa norma os relatores de temas, quando de sua apresentação, ajustando-se-lhes ao regulamento nas intervenções seguintes:
- g - Chaverim não delegados, suplentes, ou observadores poderão fazer uso da palavra com assentimento prévio da Mesa.

DAS MOÇÕES: -

- Com exclusão das moções resolutivas e declaratórias, considerar-se-ão para regulamentação dos debates, duas espécies de moção;
1. Moções prévias interrompem o debate, terminada a exposição do orador com a palavra, devendo ser votada de imediato, depois de falar um orador pró e um contra,, se os houver com prazo máximo de três minutos e tem por efeito pedir que passe o assunto ao estudo de uma comissão.
 2. Moções de Ordem: encerram a lista de oradores, e dão o assunto por suficientemente esclarecido, mediante procedimento idêntico ao anterior.

DAS COMISSÕES:

- A Veidá constará de cinco comissões, que são as seguintes:
1. Comissão Permanente: constituída por chaverim delegados em numero de sete, eleitos em plenário.
Serão suas funções: propor ao plenário os elementos das demais comissões, discutir os assuntos debatidos em plenário na falta de comissões competente, coordenar as resoluções, apresentar em plenário proposta de eleições e designações.
 2. Cinco comissões encarregadas de elaborar orientações e resoluções referentes aos assuntos das teses, divididas como segue abaixo:

HISTÓRICO DA TNUÁ

ORIGEM DO MOVIMENTO

A primeira cidade em que surgiu o movimento foi Pôrto Alegre. Os gauchos fazem questão da data exata: 5 de outubro de 1945. Surgiu por contato e influência do movimento Argentino. Pela proximidade geográfica, os chaverim haviam participado em acampamentos argentinos, e organizaram logo após o primeiro acampamento (machané) do movimento brasileiro, em 4 irmãos.

Logo reuniu o movimento de Porto Alegre cêrca de 300 chaverim. No Rio de Janeiro partindo de um grupo de estudos, que se reuniu na Biblioteca Bialik, atingiu-se a Juventude de todas as idades e pontos da cidade. O acampamento de verão - realizado em Petropolis, (março de 1948) veio fixar em bases mais sólidas o movimento.

Em São Paulo, funcionava na Rua Prates 93 -2º andar, o Centro Juvenil Teodor Hertzl, o "centrinho". Foi êle que organizou os primeiros movimentos do Brasil. Foi êle que espalhou idéias sionistas entre a juventude, e do seu seio partiram, finalmente, os grupos que formaram quase todos os movimentos juvenis chaltuzianos.

Um dos grupos formados dentro do "centrinho" compunha-se de jovens mais maduros, e definiu-se após alguns meses, como grupo politizado, sionista e scialista, mas não educativo e sem planos de aliá. Este grupo viria a fundar o movimento em São Paulo, futuro setor centro do movimento e centro de influência sôbre todos os demais setores. Em sua origem, pois, teve o movimento um carater nitidamente diferente dos demais. Enquanto os outros, em sua origem, haviam sido organizações escauticas-educativas, surgimos nós de um grupo mais maturo e politizado. Isto viria a influenciar profundamente em toda o carater de nosso movimento

Mas quem eram os chaverim que criaram o movimento, e porque êle foi criado?

O movimento surgiu em meio ao judaismo em franca assimilação. A coletividade judaica, era de formação recente, essencialmente formada de imigrantes da Europa e refugiados e imigrantes judeus em geral que vieram após a II guerra.

A situação econômica do judaismo brasileiro desenvolve-se brilhantemente. Concentram-se nas posições economicas típicas de intermediários comerciais, móveis industria de vestimentos, calçados, etc.

A juventude em geral é o reflexo da colitividade em assimilação, agravado ainda por já tratar-se da 2a. geração, que vai perdendo a ligação tradicional ao povo que tinha es seus pais.

Neste ambiente de pobreza em si da vida, que levava a juventude, a grande utopia, a conclusão heróica do reerguimento do Estado Judeu, e um reerguimento em base de igualdade e justiça social, que o homem não explorasse o homem, e muito -

mais, no kibutz, a sociedade mais livre e mais avançada, enfim, a concretização - do mais ousado sonho nacional e social que homens jamais haviam ousado sonhar, isto abalou toda a parte melhor e mais idealista da juventude judaica, fê-lo erguer-se e dispôr-se de corpo e alma à grande missão que os tempos lhe ofereciam.

Mais tarde a união de sentimento e ideologia formariam, então, a força - viva para o pensamento e a ação do movimento.

EXPANSÃO DESENVOLVIMENTO E BASES IDEOLÓGICAS

1948 foi o ano de expansão do movimento em todas as cidades brasileiras realizaram-se 3 grandes machanot, no começo, e no meio do fim do ano.

Na expansão do movimento em São Paulo evidenciou-se o caráter específico de seu grupo formador. Ao contrario, das demais organizações, expandiu-se o movimento de cima para baixo, formando primeiro uma grande camada mais velha, e apenas um ano depois chegando até as mais jovens. Formaram-se as primeiras kuztzoť partiu-se para o trabalho educativo, e cristalizou-se a espinha dorçal de sucessivos grupos de madrichim e dirigentes nacionais e regionais, durante anos a fio.

Afirmou-se como movimento sionista-socialista, que vê no kibutz o lugar da realização dos ideais. Sionista, porque achamos que o caminho do reerguimento - nacional do nosso povo não é apenas o melhor e mais rico, como também o único caminho que há a seguir. Nosso lugar de realização de vida é o kibutz porque êle tanto a forma mais perfeita, dentro das imperfeitas possibilidades da natureza humana, de concretizar nossa aspiração de construção nacional e de justiça social.

Somos um movimento politico-revolucionário, porque defendemos uma determinada organização da sociedade e concepção de vida e porque esta deve ser ainda construída ou alcançada e representa a negação e transformação das bases da sociedade - atual.

Somos um movimento de vanguarda na coletividade judaica, mas não na elite, pois temos a mais profunda desconfiança com relação a tais "elites", que pelo seu aristocracismo político perderam todo contato com a realidade e suas exigências no meio em que viviam.

Na nossa organização interna somos um movimento democrático, centralizado estruturado em forma de pirâmide, e interdependente,

Nossa diretrizes e atividades são em primeira instância aprovada previamente em congressos (veidot) e o debate absolutamente livre, mas uma vez esta resolução no conclave, vencedores e vencidos reúnem-se na execução da orientação aprovada. Somos absolutamente livres em pensamento, mas disciplinados na ação comum.

Nosso funcionamento interno processa-se através de equipes de trabalho - (vandot), equipes de chaverim que pela atividade conjunta criam formas de trabalho comum.

Somos um movimento educativo, que visa 3 partes: A formação nacional, - formação social, e formação para o kibutz.

Fortalecemos a ligação do nosso educando com o povo judeu, sua historia e sua cultura. Damos fundamental importância na história da mais recente criação do nosso povo: o estado de Israel. Pretendemos procurar criar um homem mais justo com elementos, que o possibilitem optar por um caminho, e não simplesmente que seja levado pelo mais fácil.

Assim se definiu o movimento em termos ideais, no começo.

O KIBUTZ HACHARÁ

Foi resolvido em agosto de 1948 a criação de um kibutz aschará, kibutz - de preparação que formasse o chaver para a futura vida no kibutz. O local foi a 16 km de Jundiaí.

A sua criação foi devido à constatação da inexistência de um forte conteúdo ideológico., suficiente para conseguir, de imediato, a partida de elementos mais velhos devido a necessidade de passar um certo período, uma vida em grupo, aprender o trabalho agrícola para melhor adaptação a futura vida em Israel,

Cada ano se fixava na hachará o grupo mais velho do movimento, viviam -, conforme imaginavam ser a vida do kibutz, trabalho agrícola e assim se preparava. Em resumo, visava formar um bom grupo de trabalho, habituado aos labores da vida agrícola, um grupo atingindo uma amálgama social coesa e forte e um grupo com - personalidade política definida, isto é, com consciência do que era, do que representava a do que queria.

O ABANDONO DOS ESTUDOS

A possibilidade que o movimento juvenil possui de abalar a coletividade judaica em que vive atingiu o seu máximo, no dia 2 de maio de 1960, quando correu por S.Paulo a noticia de que 40 chaverim do movimento, sua parte mais adulta e representativa, haviam resolvido abandonar suas ocupações e estudos universitários e pre universitarios para dedicar-se integralmente à militância no movimento. A reação da comunidade dos pais, principalmente contra o abandono dos estudos - o mais profundo golpe psicológico que pode receber um judeu que conseguiu enriquecer, e agora ambiciona ter um filho "doctor" - foi tempestuosa.

Como, porque acontecera? A resolução partiu como conclusão coletiva após um seminário de 3 dias, hoje famoso Seminario da Lapa, em que se fizera uma análise profunda da situação do movimento, seu futuro, e do futuro de seus membros. A resolução representava o passo final da coerência com as convicções de cada chaver do movimento, segundo as quais o futuro deste não deveria encaminhar-se pela verdade de uma profissão liberal na Golá mas pelo caminho de um kibutz em Israel.

O mundo em 1950 era um mundo de realidade. Havia passado a fase de entusiasmo de 1948, onde um homem deixava a profissão, e os estudos, a casa e ia à Israel viver e lutar em um kibutz. Em 1950 não havia mais nada disto.

Havia um completo abismo na vida diaria dos chaverim do movimento e o que visavam no futuro. Como chegaria o jovem que vivia a vida de seu meio, os valores de seu meio, que trabalhava na loja do pai ou que estudava alguma profissão liberal universitária ou se preparava para isto, como chegaria este jovem até a Alia? Ou bem ele se preparava-se para uma profissão liberal na Golá ou bem ele se preparasse para o Kibutz.

Portanto, a decisão tomada foi o passo final da coerência com os ideais - e metas do movimento. Levou-se até as ultimas consequências.

Depois do Seminario da Lapa, o movimento partiu para um "blitz" na comunidade, a respeito da decisão tomada. Explicou-se esta aos chaverim mais jovens, efetuou-se outrossim seminarios, e procurou-se orientar os jovens a fim de que aprendessem profissões técnicas para a vida kibutziana.

O êxito deste trabalho, que é longo, difícil, e contrabalançada pela influência do meio ambiente, foi decisivo para o futuro do movimento, e também foi bastante satisfatório.

NO KIBUTZ EM ISRAL

E assim o movimento foi se desenvolvendo, dinâmico na sua própria ação. Os chaverim em garinim foram fazendo aliá, primeiro para Mefalsim, depois saíram - deste e dirigiram-se para Afiquim, onde passaram um novo período de preparação, fizeram exército, etc.

Após este período, os chaverim se instalaram em Bror Chail, onde haviam - algumas familias chegadas do Egito, e lá começaram a construção do kibutz, Para lá - se seguiram os proximos garinim, fortalecendo o marco, Bror Chail se tornou a grande criação do movimento brasileiro. Até hoje, Bror Chail é o meshek Iad da tnuá com períodos de altos e baixos, sem duvida foi o que de melhor criou a tnuá e o judaismo brasileiro.

A CRISE SIONISTA DO MOVIMENTO

Mas, voltemos ao movimento. Foi o ano de 1952. De dentro do movimento emergiram-se opiniões propondo a mudança de orientação política deste, ou seja, sua transformação em movimento socialista local, porque " o sionismo não é a solução política para o problema judeu". Foi esta a chamada crise sionista do movimento, produto de um caminho errado que este vinha seguido à vários meses.

Foi uma época em que havia uma mínima influência educativa por parte de -

e se dava ênfase a problemas sociais no destino do movimento socialista mundial, na diferenciação de mentalidade burguesa e proletária, e cada vez menos se enfatizava o sionismo e os valores e problemas materiais de nosso povo.

Esta crise irrompeu quando dos mais importantes chaverim da maskirut Peilá propôs a transformação do movimento em juventude socialista local, argumentando que o socialismo realizador sempre é feito por pequenos grupos idealistas e que a massa judaica da golá, não possui consciência sionista verdadeira sendo tão somente um sionismo filantrópico. Argumentava em contra partida que o socialismo traria solução para o problema judeu, abarcando toda a massa.

A maior parte dos chaverim em debate organizado reagiu a esta tendencia - respondendo que "uma nacionalidade não se suicida" e se os judeus tivessem que escolher entre socialismo e nacionalidade, escolheria nacionalidade, Mas por uma razão muito simples: porque o estado é uma realidade, problema de diásporas inteiras enquanto que os representantes da aspiração, ou seja os partidos socialistas, ou quem assim achar os comunistas, não conseguiram fazer nada de pratico ou concreto, durante uma que fosse das chacinas de judeus dos tempos modernos.

Terminada a reunião ficou claro que o chaver que propôs a mudança se retirava, sem conseguir abalar o movimento.

Nos meses que se seguiram o movimento iniciou lentamente a volta para o sionismo, processo que durou semanas e meses e as atividades educativas giravam em torno dessa volta.

VOLTA AOS ESTUDOS FIM DA HASCHARÁ E SCHNAT HASCHARÁ

Após esta crise o movimento passou por uma fase de maturação, com sua ação planificada por períodos bem mais longos. Houve também a união com a Gordânia formando assim o Ichud Habonim. Se afirmou a base do movimento como sendo os seus educandos normais, que atravessam durante oito a dez anos todas as etapas educativas, preparando-se para as tarefas que o movimento programou para si.

Em 1959, o citado garim do movimento sediñgiu para a criação de meshek aliá, o kibutz Erez. Mas o movimento não reuniu forças suficientes para continuar a aliá para Erez, visto que houve problemas de absorção. Voltaram, um segundo garim pequeno apesar de mais preparado. Erez falhou totalmente e trouxe profundas reações. Eror Chail como meshek iad, e que se tornou forte, empreender-se-ia

Estes
uma f

ça patente. O país se encontrava em boa parte colonizado, e as mudanças de um país que já passava da fase de construção propriamente dita, se sentia na tnuá. O caráter do termo chalutzit mudava, no sentido de não ser apenas o chaver que vai construir o país de nada, mas também que vai desenvolvê-lo com um preparo maior. Assim a tnuá voltou aos estudos universitários, levando em conta as exigências de aliá para uma Israel bem diferente, e o fato de que em determinados movimentos territoriais já existiam chaverim que seguiam cursos universitários.

Ao mesmo tempo já buscava novas formas de haschará (preparação para a aliá), e destacava o papel educativo do "Workshop" do movimento nos EUA. Considerava as necessidades do estabelecimento de diferentes formas de haschará, já que as condições eram difíceis e não permitiam a existência da haschará. Em suma, havia grandes diferenças entre o que era exigido para a aliá e o que o ano de preparação em En Dorot podia oferecer. Já era bastante difícil se aproximar ao que era um kibutz de fato.

Enfim cessou a haschará, e em 1966 o movimento resolveu mandar seus chaverim mapilim para o shnat haschará, com o fito de preparar melhor para a aliá, formar uma liderança, conhecimento do país, haschará agrícola e vivência de shichvá. Estava claro que o Schnat Haschará nesta época reunia melhores possibilidades de preparar o chaver, que um ano em En Dorot. Em 1967 partiu o primeiro grupo de shnat e até hoje o movimento o continua com esse mifal, apesar de não se atingir os fins desejados com os três primeiros machzorim.

1967 foi um ano ímpar. Com a guerra dos 6 dias, e sua repercussão no ishuv, se criou uma momentânea, sede de se identificar com Israel, entre a juventude, e o movimento viu suas fileiras engrandecidas. Foi uma época de crescimento, o que não aconteceria com a guerra do Yom Kipur em 73.

Nos últimos anos, apesar do baixo número de aliá, o movimento constituiu o 1º garin de estudantes para Bror Chail. Foi marcado também pela discussão de novo meshek iad, O kibutz proposto era Haon, que apresentava uma real necessidade de aliá de tnuá, conhecido pelos chaverim do schnat 71 e 72. Apesar disto o movimento não reuniu forças suficientes. Apesar do razoável número de bogrim não havia a possibilidade de formação de um garin que se dirigisse para Haon. A discussão cessou, e no último ano não se falou mais nisso.

O movimento êstes últimos anos se tornou menos definido e muito mais flexível, talvez flexível demais. Não há mais uma definição clara de época de aliá, e em outros aspectos. Ele exige muito menos dos seus chaverim, e é difícil dizer se êste por agora é o caminho certo ou se deveria trilhar um outro, mais radical talvez.

Assim se conta em rápidas pinceladas a história do nosso movimento, no -

Brasil. Ele também se expandiu para outros Estados, como o caso da Bahia, snif que foi fundado na última Veidá. Podemos notar que passou por vários processos que vem da sua criação, estruturação, firmação do seu carater, amadurecimento - um último processo mais linear, outros seus com altos e baixos, e por fim o movimento dos dias de hoje. Acompanhou tudo a sua volta, com suas proprias respostas, e dinâmico na sua ação diária e no seu processo.

RELATÓRIO MASKIRUT PEILÁ

Desde a ultima Veidá, a Tnuá tem passado por altos e baixos de uma maneira incrível, que pode se dizer que nem no Snifim nem na Hanagá Artzit, conseguiu-se ter uma situação contínua estável por mais de 1 ano.

AB - UMA SÍNTESE ANUAL

1971, foi o 1º ano da existência do Snif Bahia, e se bem que contava com poucos dirigentes mais velhos, conseguiu atrair um número razoável de bonim que começaram a dar movimentação a esse snif. Os demais snifim em geral, não saíram em nada de especial. O maior acontecimento desse ano, que repercute até hoje, foi a apresentação da peça "Ish Hassid Haia," que foi centralizada em S. Paulo, e foi o último espetáculo de categoria apresentado pela Tnuá. Durante esse ano também tivemos um número razoável de Ho Vrot e Tochniot realizados pela Hanagá Artzit.

1972, foi o auge desses anos, Com a volta de muitos chaverim do Shnat Haschará começou-se uma grande ativização no Snif S. Paulo, que repercutiu o entusiasmo para outro snifim através de shlichuiot, machanot, etc. Em setembro de 1972, foi realizado o V Kinus Artzit, em que foi empossada uma nova maskirut Peilá. Ao final deste ano também começa um declínio da situação do Snif Rio, com muitos problemas de peilut de bogrim. Ainda de grande importância deve-se a peguishá de bogrim realizado em julho, em que houveram grandes debates a cerca da mudança de meshek aliá; resolvendo-se pela continuação da ida a Bror Chail em vista da fragilidade da shichvá bogueret em se adaptar e manter um novo kibutz.

1973, o ano em que cristalinamente começa a revelar-se a crise dos bogrim dentro da Tnuá. Com a saída do garim aliá (Estudantes) em janeiro, não existe nada de prático a cerca da aliá dos então bogrim da Tnuá, situação que perdura até hoje. Volta a Tnuá uma kuvtzá muito fraca do shnat haschará (Poucos continuam ativos na Tnuá) e esta situação cria defasagens dentro da shihvá bogueret. Em julho deste ano tivemos a presença de um enviado de Ha-on em peguishá d e bogrim, onde com o apoio de alguns chaverim propunha Ha-On como novo meshek aliá; não sendo aprovada esta resolução. Ao final do ano acentua-se uma situação muito instável em S. Paulo, de bogrim com o sheliach de conseqüências futuras muito nefastas. Começa-se em dezembro uma ativização monstruosa em torno da realização do Jamboree o 1º Habocamp na Bahia.

1974, inicia-se com a realização do Jamboree com 320 participantes, que em termos de juventude brasileira foi a maior concentração já realizada por um período de 10 dias. Houveram enormes falhas técnicas, e a estrutura chinuchi foi um fracasso. Após isso, a situação em S. Paulo agrava-se ainda mais, com o pedido

dos bogrim de retirada do sheliach, sôbre justificativas de falta de trabalho do mesmo. Esta situação instável, somada a falhas de chinuch havidas no Jamboree, e a falta de definições da shihvá bogueret vem a provocar o afastamento de bogrim da tnuá, sendo que uma parte deles busca uma solução de continuidade em atividades de caráter geral dentro do ishuv. No início do ano, foi eleita uma nova maskirut peilá, fragilmente composta. A volta do shnat - haschará vem sanar parte dessas deficiências, conseguindo " Já a esta altura do ano", reerguer o snif S.Paulo, Snif Bahia, em boa medida Porto Alegre. - Soma-se a todos os problemas havidos durante o ano a falta de um sheliach em S.Paulo, merkaz do Brasil.

DE CARATER GERAL

1º) Shnat Haschará

1971	-	20 Chaverim	Aliá
1972	-	22 "	arin 10 chaverim
1973	-	19 "	Bodedim 19 "
1974	-	15 "	

O shnat haschará tem apresentado grandes falhas, devido a sua organização em Eretz. Tentou-se seguidamente o envio do garim ao Machon - de madrichim, mas isso foi impossibilitado devido a faltas de vagas.

2º) Um dos maiores problemas dentro da tnuá, deve-se a falta de uma sólida estrutura financeira de apoio as realizações que exigem tal. Resultado disso, deve-se a uma boa dose do peilut de bogrim ser dirigida nesse sentido. Em S. Paulo, devido ao apoio de algumas instituições a situação é mais estável, tendo por isso que ajudar a outros snifim ; e ultimamente Porto Alegre tem chegado a uma maior estabilidade, com um maior apoio das instituições locais.

3º) O problema de moadonim já tende a ser vital em Recife. Em Curitiba, onde o movimento é mais tradicional, em -ultima instância tem-se o apoio do Ishuv.

4º) Perda de valores, ou falta de renovação dos mesmos, desde já a muitos anos vem tornando-se uma constante na Tnuá. Esta crise vem aparecendo realisticamente nos últimos tempos.

5º) O nosso relacionamento com a sohnut, instituições judaicas e sionistas, não tem sido os melhores. O movimento não é encarado sériamente, não é consultado para atividades relacionadas com a juventude em geral; e quando temos de pedir apoio, em geral as dificuldades são grandes.

6º) Apesar de todas as dificuldades, o Ichud Habonim ainda tem se mostrado o movimento mais ativo no Brasil e o que tem mais sobressaído perante o shuv.

7º) Da transmissão de valores: A realização de seminários " Hakadrim tem-se -
mostrado vital para corrigir as deficiências de chinuch. Seminários de macha-
not são encarados como oportunidades vitais para transmissão de conhecimentos
e ideologias.

8º) Um balanço numérico da tnuá: A tnuá tem oscilado nos últimos anos entre um
número de 600 a um pouco mais de 900 chaverim. Abaixo um quadro de participa-
ção nas últimas machanot.

Machanot locais:

<u>LOCAL</u>	<u>IDADE</u>	<u>Nº DE PARTICIPANTES</u>
Recife	9 - 14	4
Salvador	9 - 13	25
Rio	9 - 14	97
S.Paulo	9 - 12	120
S.Paulo	12 -14	100
Curitiba	9 - 12	36
Porto Alegre	9 - 14	65

MACHANOT CENTRAIS:

<u>I D A D E</u>	<u>Nº DE PARTICIPANTES</u>
14 - 15	55
15 - 16	60
17 - 18	25

Bogrim 30.

Sam dúvida alguma, este pequeno relatório técnico, indica a neces-
sidade de uma estruturação mais clara e definida do movimento, para que este
possa desempenhar o seu papel Judaico e Sionista perante a juventude Judaica.

CAMINHOS DA TNUÁ

Esta é realmente mais uma proposição do que uma tese, pois não houve uma pesquisa profunda, e sim um alinhamento das minhas ideias.

INTRODUÇÃO:

Eu considero que estou fazendo uma proposição, uma análise sobre o que eu um chanich dentro da tnuá desde os 9 anos penso sobre o que a tnuá me transmitiu e o que agora como boguer penso sobre o que ela se propõe a transmitir agora. Por isso não pensei tanto em fazer pesquisa mas sim transmitir e unir algumas concepções que tenho sobre determinados assuntos do chinur e de caminho da tnuá.

Para mim esse trabalho é mais como uma análise do que eu tenho da tnuá e que gostaria de ter de uma maneira ideal e prática de uma visão de que penso sobre a juventude judaica de hoje no Brasil. Após a análise eu pretendo dar uma proposição de metas por shichavot que eu acho muito importante.

ANALISE:

Hoje em dia depois de 13 anos de tnuá posso definir que os caminhos da tnuá consiste em 3 coisas intimamente ligadas a que poucos conseguem realizá-las juntos. As 3 metas são: chalutzit, Judaísmo e o homem consciente. Geralmente ao se tocar no tópico dos caminhos da tnuá falamos de coisas em gerais ou tocamos em coisas que não temos definições razoáveis e até mesmo não sabemos ao certo o que são.

A palavra chalutzit que para mim é nova pois antes representava kibutz socialismo e sionismo, e que são sempre 3 componentes indispensáveis - eram usados na tnuá de 1960 ao qual fui chanich mas nunca ouvi falar. Englobava quase tudo ou senão tudo aquilo que o chaver tinha com Eretz, melhor - dizendo era a única coisa que fazia sentido pois Eretz para a tnuá politizada e consciente e serio o sionismo conduz uma forma socialista, era a única maneira de se viver.

No sionismo tudo era voltado para Sion, é para mim a identificação do chaver com Eretz Israel, reconhecimento de Israel como um centro político e espiritual, e afirmação de Israel como lugar do povo judeu, e por isso realização da Aliá. Hoje em dia a tnuá a determina o centro do sionismo através de sua preocupação de manter viva a atenção dos acontecimentos principalmente políticos que envolvem Israel.

Os tochniot, discos, shirim, rikudim e o ambiente em geral faz com que o chanich sinte e pense em Israel. .

O pouco que os bogrim falam, a presença de schilichim, e o assunto aliá discutido marca uma posição sionista e nos coloca com essa posição - frente ao chanich, o ishuv e principalmente em relação a boa parte da juventude que não está na Tnuá. O sionismo dentro da tnuá também fica marcado no chaver, pois basta que o chaver tenha dado um pouco de peilut, representado a Tnuá em alguma atividade, e o shuv faz com que ele seja taxado de sionista. Sionista para o shuv de uma maneira geral é aquele que quer mandar seu filho para Israel, e não sei se muitos dos chaverim da tnuá que são taxados de sionistas sabem hoje em dia o que é ser sionista e até mesmo se isso é bom ou ruim. Acho que a tnuá hoje em dia é um atrativo, proponho que para os chaverim da tnuá ou para a tnuá em si haja uma maior identificação de todo tipo de atividade que envolva Israel, até mesmo que os snofim se tornem moadonim aberto a todos e que possuam material que eu diria um pouco superficial que ligue a Juventude ao snif e portanto a Israel, acho que discos, posters, jogos, revistas são atividades um pouco superficiais do ponto de vista ideológico mas isto faz com que o chaver fique pouco a pouco ligado a Israel. Que continui a identificação e discussões sôbre Eretz principalmente hoje que ocorre grandes coisas - políticas que envolve o mundo inteiro.

Acho que inclusive deveria se propor um centro de informação ligado a hanagá que se basearia em jornais que os snifim recebem revistas notícias de alguns jornais de certa formação daqui ou de outros lugares para que todos os snifim possam ter ou ser um centro de informação para o ishuv em geral ou até mesmo para a juventude. Acho que atitudes concretas em relação aos acontecimentos que acontecem em Israel como houve em todo o Brasil em relação a Malot dão uma visão positiva para a tnuá em relação ao seu sionismo e posicione a tnuá em relação ao ishuv e a juventude.

SOCIALISMO

A Juventude brasileira hoje em dia não é uma juventude que se possa dizer que se dedica ao estudo e a profundidade de assuntos que estejam fora de seus assuntos escolares onde necessitam nota ou querem saber alguma coisa.

Como o socialismo é uma meta muito difícil de se chegar ou de se aproximar acho que a tnuá o que eu chamaria de um pseudo-socialismo, que é sentido em pequenas atitudes e atividades. Acho que a juventude antes de mais nada tenta ir contra a sociedade em muitos valores, e por isso temos que aproveitar para tentar transmitir o pouco que sabemos a respeito do socialismo e tentar colocar a opção para o chinuch. O socialismo que aprendi na tnuá é uma coisa que mais se aproxima a Humanismo pela mesma possibilidade para todos é tudo que eu posso querer, e se isso é socialismo eu fico feliz, Acho que quando eu fiz com meus chaverim uma kupá meshutefet para ir a machané, ou mesmo shnat, fiz um ato

socialista, ou quando dividi minha comida com meus chaverim fiz também um ato - socialista, acho que quando eu critiquei a individualidade ou seja quando apoi- ei a divisão por kvutzot pratiquei um ato socialista.

Acho que a tnuá consegue um pouco com suas atividades transmitir - alguma coisa socialista e humanista ao chanich. Apesar que estas coisas sob o - ponto de vista de muita gente parece superficial elas determinam muitas coisas ao chanich, Acho que a tnuá deveria aprimorar coisas como kupá em kvutzá, não - como um simbolo mas como igualdade e entendimento entre grupos que por si só já é contra a nossa sociedade individualista e competitiva, e se pelo menos conse- guirmos isto já será uma grande coisa.

Acho que da tnuá dificilmente sairão grandes pensadores socialistas ou revolucionarios de bar, mas sairão homens comuns com bons valores que essa do- trina prega, e que alguns desses chaverim algum dia viverão em kibutz ou comuna onde seria possível concretizar, mais ainda as pequenas coisas que aprenderam na tnuá, e a paryir disso aprofundar suas atividades e atitudes em relação a vida kibutziana e ao socialismo.

Traduzir a palavra socialismo para mim é 2 coisas: Igualdade de possibilidades para que todos possam aproveitá-la como melhor convier e humanis- mo nas relações humanas.

O KIBUTZ

O kibutz seria o tópico que ligaria as duas metas que falei primei- ro é o lugar onde teríamos nós, os chaverim da Tnuá, possibilidades de botar em prática o pouco de superficial que fazemos daquilo que são as nossas metas soci- alismo e sionismo . Talvez a maneira mais difícil seja esta, pois vivemos em uma sociedade onde se baseia o problema do dinheiro, onde muita gente tira faculdade, porque aquela faculdade é melhor do ponto de vista monetário, e portanto uma me- lhor colocação na sociedade, que tem uma escala de valores monetária, tanto a cultura ou os sentimentos não importa. O problema é o dinheiro. Acho que esta - transformação do chaver indo ao kibutz já é um grande passo e uma prova que a - Tnuá apesar de 2 ou 3 chaverim de cada 100, é uma prova que a Tnuá consegue algu- ma coisa. Ao tentar conseguir uma definição do kibutz do ponto de vista da Tnuá achei que a Tnuá não quer simplesmente um kibutz, mas sim um kibutz tnuati. Ten- tando definir o que é kibutz tnuati, podemos dizer que é um meshek em Israel, - onde realizamos e aprendemos muito a respeito de socialismo e onde daremos con- tinuidade ao trabalho do movimento de construção sionista e socialista. Coloca- se ao lado dos demais kibutzim do País, como a forma mais avançada de construção social, mas possui de específico pertencer ao nosso movimento que segue uma li- nha política determinada, segue sua orientação, seus valores, sua concepção de -

mundo, sua luta política, ou seja, o chaver após fazer Aliá, essas metas são transformadas em outras metas, com o aprimoramento de sua vida no kibutz, a transformação que ocorre diariamente com o kibutz em relação a sociedade israeli, e em relação ao mundo inteiro. Do ponto de vista da Tnuá, concordo com a definição que saiu da 3a. Veidá do Movimento. Vou lê-las agora- A 3a. Veidá Artzit considera o meshek como a forma mais acertada para a colonização do nosso movimento em Israel. Em todos os aspectos, meshek político e ideológico. Finalidade - o movimento considera o kibutz como uma célula social do homem e da sociedade socialista, centro econômico de colonização e produção. Centro de criação da classe obreira e da agricultura judaica. Meios- Crescimento de classe operária para construção do Estado, e Kibutz Galuiot. É o instrumento da luta de classes, instrumento de defesa dos interesses históricos da classe operária para a criação de nova cultura nacional e a transformação do Estado de Israel em um estado completamente sionista.

Acho que devo dar um adendo sôbre pequenas modificações que eu considero, que são as seguintes-: classe operária, poderia dizer - classe trabalhadora, em vista que muitos chaverim da Tnuá, e o mundo em geral está tendendo a um maior aperfeiçoamento de técnicas e cursos superiores que os chaverim tiram geralmente. E o kibutz ao meu ver está se adaptando facilmente a este tipo de coisas, com criação de fábricas ou industrias e até mesmo o aprimoramento de técnicas agrícolas.

JUDAISMO

Acho que também a Tnuá deve dar uma boa atenção ao judaísmo como uma meta bem importante no chinur, o judaísmo é além de religião uma filosofia de vida e que deu ao mundo muito. Não acho válido considerar o judaísmo só como religião, pois o judaísmo é tradição também, e a tradição que assegurou a continuidade do nosso povo durante 2000 anos de golá. Acho que o chanir deve estar consciente de sua condição de judeu, acho que não deve se preocupar só quando houve os problemas na rua ou com um colega ou ele sentir alguma notícia no jornal que aflija seus pais, colegas ou amigos. Acho que a Tnuá deve de uma maneira muito anormal tentar traduzir ao chaver, ao chanir o que é ser judeu, o que isso implica, e qual é a tradição judaica. Acho que festas

judaicas tem o seu fundo e esse fundo deve ser transmitido. Acho que o chaver deva fazer ao máximo tudo que o identifique com o ser judeu. Acho que a tnuá deve voltar a tochniot antigos ou fazer novos sôbre pensamentos judaico, filosofia judaica e entre eles o pensamento sio nista e a formação do estado.

Acho se não for possível a criação de novos tochniot aqui, e se a tnuá não quiser voltar a tochniot antigos, acho que deveríamos aproveitar o seminario de bogrim em Eretz para um contato direto com a hanagá olamit, e tentar ver esse problema lá, ou seja que eles façam os tochniot desse tipo e que eles adaptem ao mundo de hoje ou façam completamente novos.

Proponho que a tnuá deve preservar a tradição entre todos os snifim como uma rotina interminável. Acho também que isso despertará nos chanichim uma vontade, uma ligação maior com a tnuá, com o ser judeu, com Israel, em segunda instância com o kibutz e o socialismo.

O HOMEM CONSCIENTE

Acho que a tnuá em primeiro lugar pensa em preparar o jovem para uma vida futura como pai, chefe de família, homem, que participa na sua sociedade. O homem deve ser capaz de se integrar de uma forma real, responsável na sua sociedade. Todo relacionamento da tnuá não está baseado em obrigações nas quais podemos cobrar como título em protesto, mas sim com a vontade de colaborar na condição de que todos tenham palavra, coerência e honestidade nas suas responsabilidades, relações e atitudes.

A tnuá desde cedo dá responsabilidades difíceis e um jovem para que ele realize, isso aos poucos vai se tornando uma virtude, - uma característica de futuro homem. Acho que a tnuá dá hábitos humanitários ao chaver, dá um interesse pelo mundo que o rodeia, o gosto de liberdade, a igualdade e outros mais. O fator que acho mais importante dentro da tnuá é aquele que faz, que deveria ser muito lembrado, com que o homem tente na medida do possível ser uma pessoa consciente.

Uma pessoa consciente é aquela que em primeiro lugar dese-

ja saber, se informar sôbre tudo que está acontecendo em volta e em - segunda instância no seu mundo. O homem que mantém suas obrigações sem ser forçado, um homem que acredita nas pessoas e tente na medida do - possível entender outras pessoas de maneira bem real, humanística sem maldade mesquinhez ou despeito. Sei que em parte isso que eu falei são coisas que poderiam chamar de utopicas, mas acho que é exatamente isso que a tnuá deve tentar conseguir. E se ela conseguir um pouco disso, ela já estará conseguindo bastante. Acho que esse fator, a consci- entização do homem, ou até mesmo poderia dizer o escaltismo, a liga- ção com a natureza, a fuga da grande cidade deve ser um fato primor- dial, pois pela tnuá passam muitos e muitos chaverim que vão numa ma- chané ou ficam um ano ou meio ano, meses ou anos inteiros, e depois - saem da tnuá. É sabido que poucos chaverim fazem aliá, e assim mesmo - pouco são aqueles que vão para kibutz. Por isso que esses valores são valores que ficariam muito bem no chaver, e que serviriam muito bem à sua vida social em Israel, no kibutz ou aqui no Brasil ou em qualquer lugar do mundo. Baseado no que penso ou analisei apesar de poder ser superfluo para muitos eu proponho que as metas da tnuá sejam transmi- tidas as shichavot da seguinte forma: Primeiro proponho que se reafir- me esses valores, ou seja chalutzianismo, judaismo, valorização do ho- mem e que as metas das shichavot sejam: tzofim um tochnit baseado ex- clusivamente no esclarecimento do mundo que o rodeia sob o ponto de - vista de coisas materiais. Exemplo principal tochnit de 3 anos que pa- ra tzofim o mundo que nos rodeia. Esse tochnit visa a abertura da von- tade de conhecer de pesquisar as pequenas coisas que nos rodeiam e que não entendemos, e que para o tzofé são muitas. Seja o carro, a roda a casa basta abrir este tochnit que teremos a ideia disto.

Não aceito a ideia de que é um tochnit antigo porque facil- mente poderíamos nós mesmos aqui apesar do que eu propus antes, este tipo de tochnit ser modernizado,. Em vez ser teco-teco vai ser F-X,- ou F não sei o que.

SOLELIM

Acho que para solelim a meta deveria ser dundamentalmente a sociedade em que vivemos por ser esta a idade em que o jovem começa a vêr melhor o sistema social e principalmente senti-lo. Acho que teria

função e que o jovem paralelamente ao tentar conhecer, ou começar - conhecer a sociedade em que vivemos tenha sua responsabilidade de crítica ou conhecimento um pouco diferente daquilo que ele vai ver na rua. Acho que não é dogmatismo porque o jovem só está na tua a pouco tempo, isso permitirá ou seja dará uma possibilidade de haver um pontinho de duvida se a sociedade que nós vivemos é boa ou não ou se a adaptação é boa ou não. Sei também que nessa idade existe uma afinidade com o sexo oposto, uma afinidade por grupinhos e a vida começa - mais marcante. Acho que os techniot que existam na tua como meninos da rua Paula, e outros que tenham talvez fazer esse tipo de atividades também são válidos desde que não atrapalhem futuros ou proximos techniot sobre a sociedade que deverão ser adaptados a idade de soelim. Eu já sei que inclusive aqui no snif de Porto Alegre houve uma experiencia, uma kvutza de soelim novos onde foi falado o problema de justiça e outras coisas que acho que atraiu a atenção deles, eles se interessaram e acho que chegaram ao nivel.

BONIM NOVOS-

Para bonim novos acho que seria profundamente da analise da sociedade o começo do possivel estudo do problema judeu e o que é - ser judeu, os pensadores do nosso povo, discutir casos de perseguições ou atividades que englobaram o povo judeu. Bom é só.

BONIM VELHOS-

Acho que poderiamos, ou melhor proponho comece por sionismo como continuação do problema judaico, e algumas coisas sobre filosofia judaica. Quanto a isso quero frisar que sendo ponto dificil acho que isso deveria ser pedido em Eretz e que lá eles vissem junto a - religiosos para tentar, isto é também com religiosos para ter uma ideia mais precisa ao que eles pensam no que é ser judeu, o que é viver como judeu.

MAAPILIM

Seria Israel sua historia, sua vida depois sua independencia, sua realização, seu sistema de vida, o povo, o kibutz, e outras coisas,

BOGRIM--

Acho que o problema maior é em vista a aliá, estudo em Israel e kibutz, a cidade eo Moshav, socialismo e Israel, e tentar se aprofundar mais no socialismo, judaísmo para que o chaver se ligue a tnuá ou até mesmo seja um bom judeu em Israel ou aqui no - Brasil.

FUTURAS ATIVIDADES

Relator: Rubens Volich

(Bata)

1. INTRODUÇÃO

Na realidade, ao se iniciar a preparação de um tema como este para ser apresentado no forum de uma Veidá, tem-se uma sensação de enorme aridez. Em primeiro. Em primeiro, devido ao carater das decisões e discussões que se desenvolvem, e de acharmos que uma programação futura tenha que se basear no que foi discutido em plenário.

Em segundo lugar pelo fato de na Tnuá as atividades estarem colocadas dentro de um certo processo contínuo, e que pelo trabalho do dia a dia quase nunca foi modificado. Assim corre o risco de se perpetuar o processo, ou seja, que esta tese seja simplesmente uma coletânea de atividades já realizadas pelo Movimento.

Sendo assim, e querendo evitar a continuidade por inércia, tomamos 3 linhas de conduta:

- a) - Analisar as propostas e possibilidades aqui colocadas.
- b) - Propor à mesa que este tema seja debatido em plenário, e posteriormente levado à discussão em uma comissão.
- c) - Que durante a discussão dos outros temas, se tenha em vista este (Futuras Atividades) como propostas iniciais, e que novas ideias sejam incorporadas à já colocadas.

Assim, em resumo, é nossa intenção que se achar conveniente colocar em prática algo do que for proposto, que isto seja feito com uma justificativa, e que façamos conscientes do porquê de o fazer-mos.

2. CHINUCH

Quando das discussões preliminares, que prepararam e discutiram os temas que aqui seriam discutidos, incontinenti, o tema Chinuch surgiu. Mas no decorrer do debate, se chegou à conclusão que este tema, se abordado levando em conta todos os aspectos, por si só tomaria todo o tempo disponível.

Bom ou mal sinal, este fato é simples consequência do descaso com que o assunto Chinuch vem sendo tratado, no âmbito de Tnuá. O fato é, que na realidade cada Snif resolve segundo as suas necessidades sem haver uma unidade de, con-

duta mesmo em coisas básicas como tochniot, divisão de Shichavot, orientação quanto a machanot, etc.

A simples elaboração de perguntas como:

- Qual o caráter de nossa educação ?
- Qual o significado e a importância de uma determinada Shihvá ?
- Que etapas deve passar um chanich do movimento no decorrer de sua - educação Tnuati e porque?

causaria uma avalanche de ideias e discussões.

Assim, sem querer nos alongar mais, propomos a realização de um Kinuss Chinuchi no mês de julho de 1975. Esse Kinus teria uma duração de 4 a 5 dias e seria realizada logo após as Machanot Centrais, esperando com isso dar condições - ao maior número possível de chaverim, participarem (levando-se em conta principalmente os snifim mais distantes).

De antemão queremos já lançar aqui algumas propostas para o temário :

- a - O caráter da educação tnuati nos nossos dias.
- b - Etapas da nossa educação.
- c - Tochniot: Catalogação, elaboração (estruturar) e tradução.
- d - A educação tnuati e a educação escolar judaica.
- e - Atuação das ideias da Tnuá no seio do Ishuv.
- f - Hasbará.

Queremos deixar a cargo do plenário e da comissão o direito de aumentar e estruturar melhor essas propostas,

3 - MACHANOT

As machanot, pode-se dizer, constituem-se na realidade na "expansão física" da tnuá. São nelas que os chanichim tem uma ideia do significado da atuação do Ichud Habonim, e é por elas que o chanich espera por 6 meses.

Não devemos esquecer o papel da machané no sentido de convivência e experiência Tnuati. Isto é, levando-se em conta o tempo que o chanich passa no snif confronto com o que ele passa em casa, na escola, e na rua concluimos que o tempo é ínfimo. Assim é na Machané que às vezes o chanich aquire sua percepção do Movimento, seus valores, objetivos, etc.

Assim não devemos menosprezar esta importante atividade. Achamos, pois que deveria haver uma planificação geral das machanot pelas quais uma determinada - Shichvá passará ao entrar para a Shihvá de Bonim. Logicamente isto depende de uma

estruturação de Shichavot e tochniot que seria vista no Kinus.

Propomos a continuação das Machanot Avodá pelos resultados positivos já obtidos.

Achamos que a realização de Machanot tipo "Jamboree" deve ser planejada e analisadas as possibilidades tanto técnicas quanto com relação a mão de obra para realizá-las. O que vimos no entanto de positivo quanto ao 1º Wabocamp foi a reintrodução da tzofit dentro das atividades normais da tnuá.

4. SEMINARIOS.

É sentido dentro do movimento uma certa falta de conteúdo cultural, - um desinteresse quanto às atividades chinuchim e tarbutiot. Isso sem dúvida alguma é uma consequência de cada vez mais baixo nível cultural de nossos chanichim. Até mesmo nas camadas dirigentes esta falha é sentido.

Acreditamos que uma forma de melhorar esta situação seria através da realização de Seminários, Campos de Estudos, nos quais tentariamos transmitir e reintroduzir na tnuá uma série de valores e temas.

Há no entanto, uma serie de problemas quanto á realização destas atividades.

- a) - Uma falta de disposição dos chaverim quanto a estas atividades.
- b) - A necessidade de se organizar algo que realmente tenha nivel, e que atraia para sí a vontade dos chaverim participarem

Podemos dizer que existem atualmente 3 tipos de simarios:

- a) - O Pré -Chug - um seminário de longa duração organizado por cada Snif com o objetivo de dar ao futuro, madrich elementos para sua Hadrachá.
- b) - Seminar haKadrim- organizado para a shihvá de maapilim, tem duração média de 10 dias, girando em torno de temas como judaismo, Israel, Dinamica de grupo, etc.
- c) - Seminarios esporadicos realizados pelos bogrim.

O que percebemos é uma falta de planificação quanto aos objetivos a que estes Seminarios se prepaem; Suas características são o imediatismo e os temas ali abordados dependem exclusivamente das pessoas que o prepara.

Por outro lado, o Seminar haKadrim tenta ser uma especie de "Messias" que de repente precisa dar aos madrichim tudo que até então eles não receberam. Obviamente é impossível.

É a consequencia deste triste quadro é o descaso e a absoluta falta de interesse e de participação quanto a esses seminarios e o que é pior ainda, ao ir pa-
ra o Snat, e ter o oportunidade de abserver muito mais conhecimentos, e em maior ní-
vel do que aqui, simplesmente não dá importancia.

Além disso queríamos ressaltar que os diversos tochiot transmitidos nas machanot são ineficientes por geralmente serem mal transmitidos e por se perderem no contexto geral das programações.

Assim queremos propor.

- a) - A necessidade da realização de Seminarios específicos de Estudo, em um número mínimo de 1 por ano a partir da Shihvá de bonim novos.
- b) - Esses Seminarios a critério da Hanhagá Artzit poderiam ser realizados "além" ou "ao invés" das machanot.
- c) - Teriam um caráter central, ou seja, participação de chaverim de todos os Snifim daquela Shihvá.
- d) - Que haja uma orientação comum aos Snifim quanto ao conteúdo dos Pré-Chuguin,
- e) - O que antes dos Seminarios os chanichim ainda nos Snifim se preparam através de leitura e discussões quanto aos temas a serem abordados.
- f) - Que o Seminario haKadrim seja uma espécie de "encerramento" antes do Shnat, tendo assim uma duração maior, assim como uma duração maior, assim como um nível também maior (Talvez, nos moldes do antigo Seminar de Peilim Argentino).

5. ATIVIDADES INTER-FERIAS.

Como já foi dito, antes, é principalmente nas atividades centrais que o chanich toma noção da amplitude e significado da Tnuá. Esse é um dos motivos da motivação ao trabalho ser tão grande logo no início das atividades e depois aos poucos ir decaindo.

Assim achamos aconselhável uma intensificação maior das atividades de caráter nacional no período entre as machanot tais como:

- a) - Realização de um tiul em conjunto com o Snif mais próximo por semestre.
- b) - Instituição no 1º Semestre do CHODESH HATARBUT que seria a realização de um futebol cultural de âmbito nacional, como em 1969, cuja final realizar-se-ia nas Machanot de julho.
- c) - Chodesh ha Tnuá- Em outubro, a realização de competições esportivas entre as Kvutzot dos Snifim mais próximos (no tiul a ser realizado) estando divididos em 3 zonas: Norte, Centro e Sul. Nas machanot de janeiro as finais seriam realizadas.

6. ATIVIDADES EXTERNAS

Já ficou provado a necessidade da Tnuá apresentar de vez em quando atividades como uma Messibá para a comunidade em geral. Quem se lembra dos efeitos - de "Ish chassid haiá" não pode negar isto.

Assim achamos recomendavel que os Snifim apresentassem ao menos uma vez ao ano uma realização para a qual o Snif preparar-se-ia muito bem e para o qual - todos os esforços seriam mobilizados.

Talvez, houvesse a possibilidade de se fazer isto em carater regional, ou seja, a Bahia prepara uma Messibá, que será apresentada tanto em Salvador como em Recife.

7. SHLICHUIOT.

Ficou constatada a importância de Shlichuiot Internas para os Snifim - que não têm esperanças a curto prazo de receber um Sheliach.

Assim propomos a programação de uma shlicut por semestre a esses Snifim, tendo a ressaltar o seguinte:

a) Os Snifim interessados devem mandar com antecedencia um relatório sôbre as necessidades mais urgentes a serem satisfeitos pelo sheliach.

b) - O Snif deve com antecedência fazer como programação de modo a aproveitar o maior tempo possível que o Sheliach ali estiver.

Quanto aos shlichim de Israel, a VII Veidá Artzit sugere a Bror-Chail, por intermedio de sua Vaadá Tnuá, que (como representante e defensora dos interesses do Movimento em Israel) racionalise o envio de shlichim. Para tanto propomos.

a) Que desde já seja uma planificação global do quadro Shlichim que a Tnuá de forma a não ser resolvido de ultima hora.

b) Que se esforcem para logo um ano antes do termino da Shlichut de qualquer sheliach já esteja designado o seu sucessor de - forma a haver uma continuidade de trabalho. Achamos aqui desnecessaria nos entender sôbre a perda de grande parte do trabalho de um sheliach pela falta de quem esteja em seu lugar.

c) Que, na analise de problemas relacionados a shlichuiot sejam levados em conta antes de tudo as necessidades do Movimento Brasileiro, e não os interesses de certos grupos.

8. MOADONIM

A VII Veidá Artzit vê como de extrema importância, para a continuidade e bom andamento das atividades do Movimento em Recife e Curitiba, a solução dos problemas de Moadonim.

Para tal achamos necessária a devida colaboração e apoio do ishuv, bem como a elaboração de um plano para execução no sentido de solucionar o problema.

Propomos além disso a criação de uma Vaadá que tenha por função específica se preocupar com o andamento das diversas etapas do plano.

9. MIFALEI ha SOCHNUT

Propositadamente deixamos este ponto para o final. Até a uma ano atrás o Movimento juvenil praticamente era o único lugar onde o jovem judeu podia contar com a possibilidade de passar pela experiência de conhecer a realidade israeli, ao mesmo tempo que recebia uma série de elementos como judaísmo, estudo da sociedade israeli, etc.

A partir de então, com o surgimento no quadro ishuv brasileiro de campanhas das laranjas, Machon Choref, L.T.S. etc., um novo elemento surgiu para o chanich da Tnuá no sentido que agora ele tem opções mais faceis e menos "radicais" do que o Shnat Haschará.

Realmente não temos propostas praticas à excessão de uma:

a - Que todos os candidatos a qualquer uma das campanhas tenham que se inscrever através dos Movimentos juvenis.

Com isso pretendemos criar condições do jovem estar ligado a uma certa estrutura, estrutura esta na qual ele pode até mesmo continuar apos a volta de Israel.

Por outro lado, achamos vital uma definição da Tnuá perante essa nova variavel) e lançamos o tema para debate.

TESE SÔBRE CHINUCH

TRANSMISSÃO DE VALORES

RELATOR: RUBENS MAU

TZOFIM -

Shichvá que contém chanichim desde o 3º até o 5º ano, inclusive. Nesta idade, estes chanichim com os quais trabalhamos, estão quase que exclusivamente em escolas judaicas. É o período em que o chaver está mais ligado à família. E se não compreendermos bem estes condicionantes, nosso trabalho com esta shichvá não terá sucesso. Portanto temos que ter boas relações com as escolas judaicas - (assunto que analisaremos mais tarde) e com os pais. Temos que atingir através de folhetos, mandados pelo correio, onde se explica o que é o movimento; e de propaganda de atividades em particular, como por exemplo machanot, tiulim, ginkanas etc. distribuída em classe, E na medida da força do chug, pode-se ampliar o contato através de uma publicação do tipo "Lahorim", que pode ser até de caráter nacional e que seria enviado diretamente aos pais. Disto tudo, percebe-se que um fichamento perfeito de nossos chanichim, e de outros em potencial é de suma importância.

Por fim, em ishuvim grandes, como SP e Rio, temos que dar o máximo de apoio a tentativa de se estabelecer definitivamente um 2º Snif, em regiões mais habitadas pelos judeus. Como não podemos funcionar, em grande escala, de modo que os madrichim busquem seus chanichim, a localização do Snif é importante para que os pais possam trazer os filhos. E se isso funcionar bem, um passo não muito mais distante disso, é que os pais inscreverão os filhos para as machanot, no proprio Snif.

Isto já é suficiente, para se dar uma ideia do relacionamento que o movimento tem que ter com esta shihvá, em termos externos ao snif. Internamente, os problemas desta shihvá . Pode parecer estranho a alguns, mas é a shichvá que possui menos tochniot. Em segundo lugar, nunca chegamos a conclusão, qual o caráter que temos a esta shichvá. Se devemos dar educação judaica, se devemos mostrar como foi criado o mundo em que vivem hoje, ou vermos como é que é este mundo hoje. E por último, nunca subemos qual a importância desta shichvá para o movimento, - tanto isto é verdade, que de forma cíclica volta a discussão de fecharmos as portas do movimento para tzofim.

Para responder tudo isto, acho que devemos partir do seguinte ponto: o envolvimento emocional . Pela dependência dos chanichim a família, esta shihvá é muito volúvel, e nem sempre por culpa do madrich. Temos que envolver os chanichim ao Snif, pura e simplesmente. Muitas questões estão relacionadas com este objetivo. - Como já disse, os chanichim em sua maioria estão em escolas judaicas, e tratar de temas judaicas de forma semelhante a escola em peulá é um suicídio. Em termos gerais temos que sempre desvincular o movimento da escola; qualquer atividade que os lembre de algo semelhante feito em classe, é fada ao fracasso. Por tudo isto, somos -

obrigados a sermos sempre originais tanto nos meios como nas finalidades. Voltemos ao ponto do envolvimento. Para conseguirmos isto, temos que ter kvutzot fortes, com os madrichim trabalhando bastante para terem como meta 1, a satisfação dos chanichim. Esta shichvá dentro do movimento tem que se acostumar a ele, tem que saber que é dentro dele que ela encontrará satisfação a suas aspirações. E a aspiração idade é a diversão. Uma shichvá de tzofim que não funcione nesses moldes não tem nenhuma importância. Nas condições descritas a função da shichvá e de se acostumar ao Snif, ligando-se emocionalmente a ele. É a época dos concursos, competições, etc. A partir de uma shichvá deste tipo, estaremos treinando nossos madrichim na peilut diária, começando por baixo. A partir disto, podemos já saber qual o caráter que terão nossas atividades, Elas terão o caráter de integração ao movimento, e ao mundo em geral. Temos que nesta idade começar a ressaltar a importância da vida em grupo, do papel do homem da sociedade, em termos gerais explicar como funciona o mundo, a natureza, a sociedade, etc. Pelos temas se percebe que sua transmissão não será apenas na hora da shichvá. Será através da vivência dentro do movimento que isto será transmitido. Através da atividade do madrich, tanto no Snif, como no contato com o chanich fora dele, na escola e em casa por exemplo. Em termos de tochniot para peulot de kvutzá temos pouco material neste sentido, e temos que trabalhar bastante para termos material bom.

Esta é uma shichvá de transição. Contém muitas características da de tzofim. Os chanichim continuam em escolas judaicas e no final do 8º ano, ultimo ano que são solelim, começa uma migração doschanichim a escolas não judaicas. É a época em que eles tem que já de antemão optar por um científico específico, numa área de exatas biológicas ou humanas. Fora isto, observamos uma vontade a uma independência maior de casa, o chanich começa a ser mais lele ou pelo menos tenta.

Acho que devemos optar nesta shichvá para uma linha de transmissão ou melhor discussão de valores. Na linha do "Meninos da Rua Paulo" "Fome, Justiça, Amor" "guerras de Libertação". É a idade ideal de discutirmos com estes chanichim do 5º ao 8º ano, valores humanos, sociais (amizade, liberdade, justiça, amor, expressão própria). É a época da consolidação do marco kvoutzati, por meio de integração entre bachurim- bachurot (antes desta shichvá, acho que devemos contar que isto ocorre).

É a shichvá mais importante para se iniciar um trabalho dentro de um snif, para depois de um certo tempo(1 a 2 anos) de trabalho, tem condições de imediatamente entrar na Peilut e por isso temos que concentrar nossos melhores madrichim nesta idade e incentivar ao máximo a divisão de kvoutzot p/tentar o aumento da shichvá por meio de um trabalho dos madrichim junto a escolas judaicas através dos alunos - que já estão no Snif.

Como já foi dito é a idade que já começam problemas de escolha futura da -

profissão. Pela estrutura atual do ensino; inclusive com a profissionalização do curso médio, esta questão antes o chaver devia responder na hora de escolher o cursinho, foi antecipada de 2 anos, com todas as suas consequências. Devemos discutir isto c/chanichim, dando dados, levantando questões, poderíamos inclusive abrir a discussão e realizá-la em âmbito de escola, como forma de haschará.

Apenas mais uma palavra, deve ser dada a esta shichvá, o que na shihvá anterior era fundamental (competições inter-kvoutzot) nesta é uma arma perigosa. Pode ser utilizada eventualmente, nos objetivos com esta shichvá são melhor atingido através da integração das kvoutzot, diminuindo a importância de uma kvoutzá em separado e aumentando a importância da shihvá como um todo.

BONIM:

Seria demais explicar os motivos que sempre fizeram com que esta shichvá fosse sempre a mais importante da tnuá. Mas os atuais acontecimentos (agitações) dentro desta shihvá nos obrigam novamente parar para pensar um pouco.

Nesta shichvá se dá a integração do chaver na tnuá. O procreditismo sumamente necessário, nas 2 shichvot menores desta, torna-se problemático nesta idade. Claro que não chegaremos nunca ao ato de fechar as portas a novos chaverim, mas um grande número de bogrim que nunca foram Solelim é muito perigoso. Devemos lembrar que toda boa kvoutzá nesta idade pode absorver novos elementos, mas uma Archavá em outros moldes com esta shichvá não deve ser tentada. Sem um número de chaverim-Tnuá para absorver novos elementos, kvoutzot assim formados são inviáveis. Por isso a archavá deve-se concentrar quase que exclusivamente na shihvá de solelim.

É nesta shichvá que acontece a grande crise: entrar ou não em peilut no Snif? E se os bonim não estiverem há algum tempo no Snif, a pergunta fica sem resposta. Por isso temos que encarar a entrada de uma shichvá para a peilut, como um processo lento, cuidadoso onde o ponto decisivo vá ser o exemplo próprio do madrich. Um madrich sem grande presença na tnuá, deixará marcar o incorrigíveis. E assim chegamos ao ponto do Pré-Chug. É minha opinião que Pré-Chug não deve ser um curso preparatório para madrichim; mas sim um curso para todos em geral. Em primeiro lugar porque por experiência sabemos que em 6 meses nós não conseguimos formar bons madrichim, estes apenas aparecem por suas características próprias principalmente pela experiência. Assim acho eu, temos que concentrar as nossas forças num objetivo mais amplo que o de formar bons madrichim. Este é o de termos chaverim peilim conscientes. Assim o Pré-Chug seria uma atividade para todos os chaverim de uma determinada kvutzá com reuniões tanto aos sábados como aos domingos, onde se levantariam o tema a respeito de: juventude, o que ela é, o que representou; que coisas produziu no decorrer dos séculos; chegando ao ponto de tnuá como um movimento juvenil, que representa uma solução aos problemas da juventude,

Paralelamente seguiríamos uma série de peulot a respeito do homem, - sem relacionamento com seus semelhantes, govêrno, estado, comunicação. Este 2º tema, é de caráter bem geral com o objetivo de mistificar o chaver em relação a muitos tabus. Daríamos assim ao chaver a principal arma para ser um bom pail, a consciência do mundo ao se redor.

E teríamos portanto dado fim a uma fase do chaver dentro da Tnuá. A partir de então através da haschará da participação á vaadot do Snif, e de organização própria da kvoutzá e shichvá o chaver começaria a produzir frutos dentro da tnuá por si só. Claro que isto não deve ser repentinom mas através da colaboração do chaverim mais velhos, nos chugim de tzofim e nos merakzim das vaadot em que estes bonim participam. Isto é fundamental para um amadurecimento progressivo da shihvá pouco a pouco tomando mais iniciativas, até chegarem ao ponto que completando o ciclo ajudarão a outros, sofrerem o mesmo processo que acontecem c/eles.

Agora o que pode acontecer, se não tomamos cuidado acontece é que este contínuo amadurecimento vai em pulos. Isto acontece quando madrich não dá um exemplo para a kvoutzá, e esta quando entra na peilut do snif, age em moldes estabelecidos por este madrich, e evidentemente cria sérios problemas ao Snif. Que então a falta de uma shichvá mais velha deveria progressivamente ceder responsabilidade a esta shichvá mais nova, e é o que normalmente acontece com a shichvá de maapilim que entra em recesso no ano do vestibular.

E isto ocorre com muita frequencia nos Snifim menores, devido ao pequeno numero de chaverim, e a estabilidade que daí advem.

E atualmente sentimos este fenômeno em todos os snifim. E somente um debate amplo entre bogrim e a shichvá em causa pode produzir uma saída, diálogo este que deve ser levado a shichvá em âmbito nacional por machanot, p/que não soframos mais estas consequências. E ainda há tempo para isso.

Um ponto importante a ser levantado em separado, é o relacionamento entre a tnuá e as escolas judaicas. Acredito que o futuro de nossa Tnuá, como movimento educativo e principalmente forte e trabalhar paralelamente a escola judaica, com bogrim dando aulas, com bonim e maapilim dando chugim, jogos, discussões, kabalot shabat.

Finalmente, para concluir este breve estudo da tnuá nas shichvot menores, resta dizer que até a shihvá de bonim, podemos considerar a tnuá como movi-

mento juvenil com características judaicas e humanas. E podemos deixar de lado por conveniência ou necessidade o fator sionista. Acredito ser prejudicial a Tnuá tentamos de alguma forma atingir objetivos sionistas antes do shnat.

Podemos inclusive nos denominarmos para efeito de propaganda como - um movimento formado de duas partes distintas. Um o judaico, com características humanas que compreenderia chaverim até pouco tempo antes do shnat. E o - outro o universitário sionista, ativo dentro do Ishuv como movimento de ideias.

Este trabalho é extremamente apressado e descuidado na forma, por - isso, acho que a partir dele podemos iniciar algo, mas não acredito que venha a constituir realmente uma tese, seria mais um punhado de ideias, reunidas - que serviriam para se iniciar uma discussão.

PROPOSTA DE PLATAFORMA POLÍTICO-IDEOLÓGICA PARA A JUVENTUDE JUDAICA
CONSCIENTE NO BRASIL - 1974.

A história do povo judeu tem sido até os dias de hoje e continua sendo, uma história dinâmica e criativa. A mola propulsora desta história judaica tem sido, através dos séculos da diáspora, o "problema judeu". As diversas tentativas de solução do "problema judeu" tem dado o caráter dinâmico desta história judaica. As diversas soluções que o povo judeu tem buscado através dos séculos, e as que tem encontrado, são fruto cada uma das condições históricas em que cada geração galútica se defronta com o problema.

Vemos assim, por exemplo, através da história, movimentos como o Chassidismo, a Emancipação e o Iluminismo judeus, a Assimilação e finalmente o Sionismo como tentativas de solução para o "problema judeu", através de diversas épocas e de condições históricas distintas.

Vivemos no século XX, numa época posterior a duas guerras mundiais, posterior à hecatombe nazista e posterior à criação do Estado de Israel. Ainda assim o Povo Judeu continua disperso e o "problema judeu" não está solucionado. A questão que se coloca perante a nossa geração é, qual o verdadeiro caráter do "problema judeu" do século XX (pós criação do Estado) e no que exatamente ele se diferencia do "problema judeu" da época imediatamente anterior, para então, conscientes das diferenças e das reais características, podermos buscar os caminhos que condigam com as nossas condições históricas. Existe um elemento básico e fundamental na nossa realidade judaica, e este é a existência do Estado de Israel. De que maneira se coloca, ou deve se colocar to o Povo Judeu perante o mesmo, já que este afeta diretamente os mais fundamentais ideais judaicos? Por exemplo o Messianismo judeu, como muito bem caracteriza R. J. Zwi Werblowsky em seu artigo sobre o assunto no livro "Vida e Valores do Povo Judeu", sofre hoje uma crise, já que a Redenção judaica ou a vinda do Messias sempre esteve visceralmente ligada à Terra de Sião e ao retorno dos judeus à mesma. Pois bem, o Estado existe mas não a Paz. E Werblowsky finaliza: "mas, se o passado contem a chave do futuro, poder-se-ia sugerir que a presente crise do messianismo levará antes a uma nova reinterpretação do que ao total abandono de um complexo símbolo que por milênios serviu como expressão da inquebrantável convicção dos judeus na sua identidade nacional, destino religioso, promessa inalienável e certeza absoluta de um futuro próprio, ligado ao futuro da humanidade".

O primeiro elemento é aceitar o Estado de Israel como parte integrante e inalienável da nossa realidade judaica do século XX, e não há dúvida que isto modifica sobremaneira o nosso "problema judeu".

Mas tentando ainda caracterizá-lo melhor, época houve em que a plena identidade judaica de um indivíduo era condição sine-qua-non para que este entendesse a razão do seu sofrimento e da sua morte. Pouco depois, chegou-se a buscar na assimilação a esta mesma identidade judaica, ou seja na perda da mesma, a solução para este "problema judeu" mas este movimento também fracassou nas suas condições históricas. Hoje em dia, na maioria dos casos, vivemos em uma sociedade que permite a assimilação. Não nos iludamos; o processo de assimilação ainda é longo e difícil, além do que o final de tal processo não pode ser visto a curto prazo. Aceitamos, porem, se a sociedade externa assim o permitir, o processo consciente de perda da identidade judaica, como uma opção de solução para o "problema judeu" do século XX. Aceitamos a assimilação, se consciente. Para optarmos, porem, por uma solução de negação, devemos estar conscientes daquilo que rechaçamos. O que não podemos aceitar é o processo de assimilação inconsciente por que passa o judaísmo brasileiro, pois é um processo de assimilação dentro do próprio judaísmo; um processo que mantém a forma mas perde o conteúdo, um "judaísmo desjudai-zante". Este processo advem, logicamente, das facilidades das condições externas. Aceitá-lo seria aceitar a tese bastante conhecida de que o judaísmo é fruto tão somente do anti-semitismo.

- II -

Três elementos tem para mim caracterizado o Judaísmo através da sua história, enquanto filosofia ética e moral de uma nação cristalizada. Em primeiro lugar vejo o Judaísmo como uma crença. Essencialmente uma crença na própria história, e na Humanidade em última instância. Uma crença não determinista no Homem e no papel que este desempenha na sua História, no seu desenvolvimento. No desenvolvimento da Humanidade em última instância. Vejo portanto o Judaísmo como uma visão positiva e não determinista da História como Evolução. Esta crença judaica tem a sua origem no conceito bíblico do "livre-arbítrio", como expresso na moral extraída das lendas da Árvore da Sabedoria e

da posterior expulsão de Adão e Eva do Eden. Ou ainda na descrição bíblica do caso ocorrido entre os dois irmãos, Caim e Abel, com todas as consequências e implicações de sermos descendentes do irmão que matou. O homem tem a possibilidade de opção. O homem opta -entre o bem e o mal numa moral mais estrita- ou simplesmente opta -numa moral mais universalista.

Esta crença tem a sua fundamentação no período profético com a cristalização do messianismo judeu nacional-universalista. Falo aqui, não do messianismo escatológico, mas daquele que vê na atuação do homem a própria razão de ser para a vinda do Messias. É a vinda do Messias em função de toda a Humanidade, de todas as nações entre as quais reinará a Paz. Dentre todas estas Nações que formam a Humanidade, uma delas tem uma função especial, uma função nacional no futuro. De Paz que está por vir: é a Nação judaica, uma entre todas.

Um segundo elemento característico do Judaísmo seria esta consciência nacional. A crença judaica sofreu um longo processo de preparação e cristalização, no período em que esteve ligada ao Estado judeu da Antiguidade. Sua história deste período é a história das contradições entre as razões de um Estado teocrático (acentuadamente no período do II Templo)- e a ética e a moral religiosas das camadas judaicas conscientes. Devemos ainda acrescentar, que este período de cristalização ultrapassa os limites cronológicos de existência do Estado na Antiguidade, superando-se a provando-se na sobrevivência do Judaísmo na dispersão.

O Judaísmo, no seu estágio de formação, foi uma religião. A religião de um Estado e uma religião nacional. Como já dissemos a evolução desse mesmo Estado judeu na Antiguidade está intimamente ligada à religião judaica. É através dela que o Estado tenta se fazer soberano de um povo. É através dela que o Estado remanescente e os seus habitantes, o seu povo, alçam-se à categoria de Nação. Notemos bem; uma Nação que se forma ainda na Antiguidade e que, com o posterior desenrolar das circunstâncias históricas -assin como se deu- mantém-se e subsiste.

Naturalmente que não subsiste como uma Nação em todos os seus caracteres. Mas um elemento perdura na mentalidade das gerações subsequentes: é a consciência nacional. Aceitemos por um momento que o Judaísmo, com seu Estado destruído e com o povo disperso, tenha se transmitido como uma ideia, uma religião. Uma religião que nessa época significa um modo de viver, uma concepção de mundo. Uma religião sobrecarregada de conceitos teológicos, éticos, morais e nacionais. Sim, pois se assim não fora, teria se propagado ou se extinguido como uma religião, uma ideia, que pode ser aceita ou rechaçada. Mas ela se mantém e se transmite como uma religião nacional; a religião de um povo que acima de tudo mantém a sua identidade e um ideal histórico próprio. Sem este elemento, este ideal nacional que se manteve na sua transmissão, o Judaísmo teria uma característica totalmente distinta. Isto se dá também, por que com a destruição do Estado antigo e com a dispersão física do povo a religião vai cumprir um papel vital dentro da identidade nacional judaica, e a situação vai se manter assim durante vários séculos. A Religião cumpre um papel tão importante que chega a ser confundida com a própria Nação. Mas o Dr. Chaim Jitlovski, nos seus estudos do final do século XIX pode esclarecer bem as diferenças.

Existe ainda um terceiro elemento e este é uma consciência histórica própria. Com tudo isto que até aqui colocamos, fica já explícita uma visão própria de história através do conceito de evolução e de uma missão histórica da Nação. Mais do que isto, vemos uma colocação própria de Passado, Presente e Futuro e isto dá à concepção uma consciência de momento histórico, de realidade. Este elemento, que talvez seja já uma consequência destas concepções anteriormente assinaladas na mentalidade das gerações é o que quero salientar. Esta concepção da dinâmica da história em direção ao futuro, dá ao indivíduo uma consciência especial em relação à importância do momento presente. Uma consciência exata do momento histórico que se vive e da sua dinâmica própria. Este espírito deu às gerações a capacidade de adaptar-se ao seu momento presente, aceitando os dados da realidade e dessa forma agregar novos valores ao seu Judaísmo, sem que este perdesse esta sua essência que assinalamos. Esta dinâmica própria que acompanha os progressos da realidade sem perder a sua coluna vertebral é o que permitiu à nacionalidade judaica sobreviver a todas as épocas. Esta é a verdadeira criatividade judaica, que retirando os elementos fornecidos pela sua conjuntura histórica soube enriquecer e evoluir a sua estrutura milenar. Isto significa um espírito absolutamente não contraditório com o progresso humano.

- III -

Por que razão a questão nacional em pleno século XX? O fato é que este problema ainda não teve a devida resposta no campo das Ciências Humanas (E não pretendo dá-la aqui), quiçá por vivermos ainda a conjuntura histórica de definição do problema.

Um fato entretanto é relevante. A resposta dada por Marx e pelos marxistas posteriores não é a última palavra sobre o assunto, como o corroborou todo o processo histórico que até aqui vivemos e o desenrolar da questão nacional - mesmo se a mirarmos sob o ângulo do proletariado.

Pensadores judeus, como Borochoy, com sua plataforma política baseada em um determinado ponto de vista sobre a questão de classes e sobre a questão nacional geral e judaica, deram respostas condicionadas ao momento histórico que enfrentavam. Talvez as metas ainda sejam válidas, mas o ponto de partida, isto é, a realidade é outra. Todas as previsões e posturas perante o futuro precisam ser reanalisadas à luz do desenrolar histórico desde então.

Usamos os pensamentos de Jitlovski como ponto de partida, pela razão de ser o seu encaminhamento da questão - mormente a questão nacional judaica - correto. Isto é, uma forma de encarar a questão cientificamente. Se, entretanto, os marxistas não nos deram a resposta correta sobre a questão nacional - especialmente a judaica, e este é o motivo pelo qual eu creio que se houver uma resposta a ser dada, há grande possibilidade de que ela parta do seio do Povo Judeu - existe uma série de fatos pertinentes à nossa realidade.

A Nação judaica recriou um Estado, renasceu uma língua, reviveu uma cultura. O Judaísmo, definasse-o como quer que seja - como nacionalidade ou como religião, como idéia, como ideal ou como ideologia - é algo que existe nos dias de hoje vivo e palpável, indiscutivelmente. O povo judeu, - coeso ou fragmentado, uniforme ou disforme, identificado ou alienado ao judaísmo, concentrado ou disperso, caracterizado ou despersonalizado como tal, progressista ou reacionário, justo ou imperialista, cosmopolita ou egoísticamente nacionalista - existe. E foi ele, sem tirar o mérito às condições históricas, quem criou o Estado.

A existência do judeu como povo e como indivíduo, além de caracterizar a civilização humana do século XX, continua sendo um dos problemas, ou - diríamos melhor - um dos fatores de preocupação desta mesma civilização do século XX.

A questão para o judeu contemporâneo é como se colocar perante este povo judeu e este Estado de Israel, fruto do primeiro. A discussão de ser a judaica uma nacionalidade ou não, é retórica e anacrônica. A nacionalidade judaica definitivamente existe. E não me venham os pseudo-marxistas de "nova esquerda" colocar que o Estado é fruto dos interesses da burguesia internacional judaica, pois ainda se assim fosse, a questão nacional não estaria eliminada: ela existe e é "sui-generis". Existe ainda outro fator interno ao Judaísmo do nosso século: o Estado de Israel é um dos centros espirituais de importância fundamental neste Judaísmo. Existem centros de existência judaica mais ou menos importantes, mais ou menos enraizados e integrados na realidade de onde vivem. Todos eles estão de certa forma ligados a Israel e têm uma importância maior ou menor no contexto judaico mundial. Nós no Brasil, vivemos em um centro judaico destituído de importância, pois não é criativo e, mais do que isto, em vias de extinção. No processo pelo qual passamos, este centro está condenado ao desaparecimento. Os números que nos mostram a assimilação são surpreendentemente grandes.

O nacionalismo pode ser um fator histórico de progresso ou de regressão, e temos na história exemplos nos dois sentidos, embora nos casos extremos a lição tenha sido sempre clara e contundente no sentido do retrocesso.

Quanto a um posicionamento diante da questão nacional, concordamos com Buber quando este afirma não acreditar na nacionalidade como um fim em si mesmo, mas sim como a maneira pela qual um povo e um indivíduo são criativos e afirmam a sua condição humana. É através das cores nacionais que a criação cultural, no seu sentido antropológico mais amplo, tingem-se de um caráter verdadeiramente universal, - ou humano-geral como diz Jitlovski.

Preferimos usar uma das frases de Buber que não se refere diretamente ao problema mas que denota claramente o seu espírito em relação à questão: "Para difundir no mundo o que eu recebi, não sou obrigado a correr pelas ruas; tenho o direito de permanecer à porta da casa de meus pais. As palavras que dali são pronunciadas não são perdidas". (Aspectos do chassidismo).

E aqui, voltamos à nossa crença inicial judaica no Homem e na Humanidade, para assinalarmos a cada Povo e a cada Nação integrante da mesma, uma missão histórica determinada e própria na evolução do gênero humano. Dissemos também, mais acima, que o Povo Judeu é "sui-generis". Pois aí está uma das características que vem traduzindo em termos práticos a missão histórica do mesmo no Contexto das Nações. Assim, cada nação calcada em suas características próprias e em suas tradições, enfrenta os problemas humanos que se lhe antepõem e traz a sua criação e a sua contribuição cultural para a Humanidade. Já no campo estritamente material da produção e do consumo, as soluções não precisam ser a nível nacional. Hoje em dia, na sociedade industrial em que vivemos, podemos vislumbrar várias soluções para o problema da produção e do consumo

- para o problema economico enfim - a nível universal e não nacional. Mesmo o Estado, enquanto instituição política e economica não é eterno e inerente à sociedade humana. Não podemos nos esquecer que, como instituição social, deve servir ao homem. Não pode ser um objeto em si mesmo. Por que não um Estado judeu "sui-generis?"

Do mesmo modo, cada geração de um povo, calcada nas características que a fazem pertencer ao mesmo, examina e estuda à luz da sua realidade os legados e as tradições histórico-culturais, e a partir daí recria e revoluciona os valores do seu povo, trazendo assim a sua criação e a sua contribuição para a evolução do gênero humano. Berl Katzenelson, da mesma forma, já nos havia perguntado o que é ser revolucionário.

- IV -

A identidade judaica do século XX reveste-se de dois aspectos distintos. O primeiro é o aspecto externo. O indivíduo é judeu porque a sociedade externa o coloca como tal. E por que o indivíduo é judeu? Porque é filho de pais judeus. Esses dois elementos identificadores são alheios à vontade e à opção do indivíduo. Apesar de serem dois elementos negativos, são elementos fundamentais na caracterização da identidade judaica do nosso século.

O segundo é o aspecto interno. Mas, antes de caracterizá-lo, é preciso esclarecer que na maioria dos países, esta sociedade pluralista pós-II Guerra Mundial tem até aqui - em geral - se mostrado aberta à possibilidade de assimilação do judeu em seu meio. Consideramos assim, a assimilação como uma opção de solução para o "problema judeu" do século XX.

Agora, acerca do aspecto interno da identidade judaica. O indivíduo quer manter-se judeu, mas não consegue definir no que se resume o seu judaísmo. Isto advém do fato de haver ele, em geral definido a si próprio como pertencente a nacionalidade do país onde vive, isto é, tornando-se um cidadão de religião judaica. "Um Frances, ou um Alemão, de fé mosaica". Mas religião vem, no mundo de hoje, pouco a pouco perdendo a força como fator social e o indivíduo sabe que não é religioso. Por que então é judeu? Está aí uma primeira contradição na sua identidade judaica. Mal sabe ele que esta fórmula é oriunda do movimento de emancipação judaica do século XIX, mas que de há muito já foi abandonada pelos seus defensores na Europa por sua inoperancia na solução do "problema judeu".

Há ainda outro fator. Por falta de elementos de identificação positiva, por falta de um marco judaico criativo, o indivíduo é obrigado a fechar-se em grupos sociais estritamente judaicos, para não perder a sua "forma" judaica. O grupo mantém-se judeu porque é composto de elementos judeus, isto é, descendentes de pais judeus. E assim, através da endogamia mantém-se o judaísmo. Segunda contradição marcante, pois o indivíduo mantém-se segregado, com um tipo de identificação e expectativas diferentes, não se integrando totalmente na sociedade geral nem se diferenciando definitivamente dela. Mantém-se assim uma espécie de identidade judaica que vai perdendo o conteúdo e mantendo somente a forma.

A principal característica desta "forma", é que, por falta de valores positivos de identificação, ela termina por associar integração na sociedade com assimilação. Desta forma, ela não permite a integração e incentiva a segregação do grupo e do indivíduo. Eis aí uma contradição característica do nosso "problema judeu".

Existe ainda outro elemento na caracterização da identidade judaica dos nossos dias, e esse elemento é o Estado de Israel. Começamos pelo aspecto externo deste elemento. As sociedades dos países onde vivem os judeus, naturalmente identificam o judeu com o Estado. Esta é uma tendencia natural e não vejo porque devesse ser diferente. Embora haja muita divergencia dentro do Povo Judeu e este seja bastante eclético, não há outro Estado no mundo com quem identificar o povo, nem há outro povo no mundo com quem identificar o Estado. Como já dissemos, o Estado é fruto do Povo; Esta é portanto, uma tendencia natural. Existe entretanto, uma tendencia conscientemente dirigida, e tenta negar a identidade entre o povo disperso e o Estado. Esta tendencia, em geral é externa ao povo e está justamente negando a maior criação deste povo, em todos os aspectos, no século XX. Seria uma espécie de anti-semitismo "ideológico" dos nossos dias. No seu aspecto interno do povo, esta negativa de identificação parte mais do medo de uma identificação plena e de uma inconsciencia das reais consequências a que esta divisão pode levar. Quanto mais não fora o fato de o pequeno país enfrentar problemas economicos e políticos avassaladores e praticamete insolúveis a curto prazo, ainda muito mais graves e insolúveis sem o apoio total e maciço do seu povo disperso. Tudo isto contribui para aumentar o medo e a insegurança deste mesmo povo, cujos individuos em seus países de residencia, há séculos outra coisa

não buscam do que a segurança e a paz.

E esta identificação nacional pode significar problemas, abandono e lutas.

A toda esta análise, antes que dê origem a generalizações demasiadas, cabe uma res salva. Nas sociedades modernas mais desenvolvidas (exemplo Estados Unidos), econo micamente mais estáveis e socialmente pluralistas, existe uma tendência à tolerância de minorias étnicas (senão quisermos defini-las como nacionais). No caso particular do judaísmo americano, isto não significa uma tendência mais acentuada à assimilação. Pelo contrário, esta sociedade pluralista além de incentivar a partici pação em pequenos grupos, elimina a contradição entre a sociedade geral e a marco judaico. Mas isto não significa uma perda da identidade por parte deste e sim uma identidade mais plena, um judaísmo mais criativo. Encarando a questão sociologica mente, podemos observar que a vida massificante da urbe moderna impõe o individuo a que busque marcos menores de plena identificação e afirmação. Neste caso o marco judaico cumpre um papel social importante.

Com tudo isso, cumpre afirmar antes de mais nada um princípio. O Povo Judeu é um to do formado de várias partes. O importante é que todas essas partes formam um todo. Este povo todo tem uma parte que vive em Eretz Israel e uma parte que vive em "Chutz Laaretz". (Expressão hebraica para designar o estrangeiro) fora da Ter ra).

- V -

Dissemos acima que existe a possibilidade de assimilação como solução para o "pro blema judeu". Devemos ter bem claro que tal solução não é esta "assimilação dentro do judaísmo" que também acima descrevemos. Não é este judaísmo que perde o conteú do mas mantém a forma e portanto, na realidade, não soluciona nenhum problema cong ciente de sociedade. Não é este "judaísmo desjudaizante" que significa somente uma inconsciência momentânea do real problema a ser enfrentado e solucionado. Esta "po sição" advém tão somente de uma apatia (confundida com tranquilidade) comoda e ali enada, incentivada pela aparente calma do meio circundante.

A opção da assimilação significa a negação consciente e conseqüente de uma identida de definida. É uma opção, e portanto medida, pesada e finalmente decidida. Se quere mos optar, examinemos bem cada caminho a ser escolhido, para sabermos exatamente o que estamos ganhando em troca daquilo que abandonamos. Nesta opção, eu acredito. Partindo de uma posição autenticamente judaica, isto é, que cre nã homem na sua par ticipação ativa dentro do processo histórico, estamos aptos a propor uma solução po sitiva. Uma solução que assume a sua real condição por julgá-la criativa. Um ju daísmo criativo enraizado no seu passado e nas suas tradições. Um judaísmo revolu cionário pois assume, examina e estuda buscando soluções que, enraizadas numa estru tura criativa milenar, condigam com a conjuntura histórica do presente. Um judaís mo positivo.

Se mirarmos a história sob um angulo progressista, uma estrutura só justifica a sua permanencia enquanto criativa, ou - em tremos mais materialistas - produtiva. Um judaísmo que se mantenha somente pelo apego a uma forma vazia de conteúdo, somente pela tradicional reação humana a desfazer-se de formas provadas pelo passado, é um judaísmo retrógrado e não se justifica a sua subsistencia. Entretanto, é possível e pertinente mostrar que não somos uma estrutura anacronica e fossilizada, como que rem alguns e como justificam determinados processos que se desenrolam no seio do nosso povo. É necessário um judaísmo aberto, mas clara e pelnamente identificado com seus reais valores e criações. Não um judaísmo a canhado e temeroso, inseguro do seu próprio valor em potencial.

Sem muita retórica, um judaísmo que assuma a sua real condição como tal - que seja consciente e criativo. Não vos fale de utopias, pois tudo isto é uma questão de op ção.

- VI -

Falamos acerca da identidade judaica em "Chutz Laaretz". O que acontece com esta mesma identidade judaica em Israel?

Antes de falarmos em identidade judaica propriamente dita, gostaríamos de desenvol ver uma linha de raciocínio. O Sionismo, definido cronologicamente em seus limites históricos, foi um movimento do Povo Judeu que criou o Estado judaico moderno e devolveu um território próprio à Nação judaica que durante muito tempo esteve despos suída de algum onde pudesse desenvolver plenamente todas as suas potencialidades. Mas um Estado judaico soberano está criado, e enfrenta problemas práticos que qual quer Estado, enquanto entidade sócio-político-economica, está sujeito à enfrentar.

E afinal de contas, do que é fruto este Estado? É fruto de um povo, dos seus anseios e do seu desenvolvimento histórico. É fruto de todo um desenrolar da história judaica na diáspora, o fruto também de determinadas circunstâncias da história mundial, especificamente, especificamente no século XX, que proporcionaram historicamente a formação de uma instituição. Uma instituição histórica, isto é, que responde às necessidades de certas conjunturas históricas e que portanto, está sujeita a ser modificadas ou substituída. É fruto da história humana em geral, e mais especificamente de um povo e da sua história particular. Mas acima de tudo isto, é responsabilidade de um povo, o povo judeu, cuja existência e cujo processo histórico não se detiveram aí. O povo, com suas características próprias, continua existindo e o seu processo continua sendo parte viva e integrante da história humana. E de que forma este povo se insere na história humana nos dias de hoje? Através de um Estado no Oriente Médio, prova material da sua existência, no qual está concentrada uma parte dos seus integrantes e através da sua maior parte que se encontra dispersa em pequenas porções (algumas grandes) pelo mundo. E o que pode unificar - em um todo a todas estas partes distintas? Existem dois fatores. O primeiro deles é espiritual e eu diria que é uma certa identidade nacional "sui generis" que continua existindo. O segundo material é um Estado no Oriente Médio, que no final de contas é da responsabilidade do todo e de cada uma das partes. Vamos aqui fazer uma pausa, para podermos diferenciar claramente que é de fato, daquilo que queremos que seja. O Estado de Israel tornou-se no decorrer de sua existência, num centro de criação cultural e nacional judaica. Mas do que isso, tornou-se um centro de congregação mundial judaica e num centro difusor de cultura e valores judaicos. Além do aspecto material de influência na vida das comunidades dispersas. O Estado de Israel é hoje um centro espiritual do judaísmo disperso. Qualquer judaísmo criativo hoje, está espiritualmente ligado a Israel e ao seu povo. Em primeiro lugar, não há razão para que o povo disperso não se identifique e seja identificado com o Estado como sendo um valor e uma criação sua. Em segundo lugar, muito menos razão há para que o povo que vive em Israel não se sinta ligado por laços estreitos e responsável pelas comunidades dispersas. O que queremos afirmar resume-se a dois aspectos: o primeiro é que o Estado de Israel faz parte da realidade do Povo judeu nos dias de hoje. E o segundo é que o fato de o Povo encontrar-se ainda disperso fisicamente faz parte integrante da realidade do Estado judeu do século XX. Em suma, povo e Estado fazem parte de uma mesma realidade e devem interagir dentro dela.

VII

Mantendo ainda a linha de raciocínio. Falamos da natural identificação externa do povo com o Estado e dos perigos contidos numa discriminação consciente, também externa, entre um e outro.

No seu aspecto interno, falamos de uma divisão que pode por ventura surgir entre o povo disperso e a classificamos como oriunda do medo e da insegurança. Existe um outro tipo de tendência interna à divisão. Este pode surgir e tem surgido mais acentuadamente em alguns períodos entre a parte do povo que vive em Israel. Mais do que uma sensação de euforia e auto-suficiência o perigo maior é o da sensação de desligamento e falta de responsabilidade em relação ao povo disperso. Mas em Israel, esta tendência não é acentuada, pois em geral ela advém do enfrentamento prático dos problemas físicos do cotidiano. E quando se fala em prática, como por exemplo guardar uma fronteira, a sensação de unidade não resolve muitos problemas. Mas esta tendência à divisão estende-se também a uma quantidade de integrantes do povo que não vive em

Israel, mas a ele está mais estreitamente ligado por laços espirituais e ideológicos. É uma aproximação mais espiritual, mas que pode num futuro não distante transformar-se em física. Refiro-me a um certo tipo de posicionamento Sionista. E aqui chegamos ao cerne da questão, o Movimento Sionista.

Até a hecatombe nazista, o Judaísmo europeu constituiu-se na força criativa do Judaísmo Ocidental, uma força que tem expressão no Movimento Sionista. No momento histórico imediatamente posterior à criação do Estado, toda a força que fora o judaísmo europeu encontrava-se ainda enfraquecida, acéfala, embutejada e desorientada para juntar-se à criação ideológica do Estado. Assim, uma parte dos destroços do judaísmo europeu fixou-se no novo Estado e outra parte (a maior) enraizou-se e iniciou a sua construção na América. A parte menos embrustecida deste Judaísmo Ocidental - ou seja aquela que conseguiu emigrar para a América antes da hecatombe, no momento posterior à criação do Estado não estava ainda suficientemente enraizada nos novos lugares de residência. Eram ainda emigrantes nos diversos países da América, e, estes imigrantes ou principalmente os seus filhos - nascidos nesta tradição - puderam decidir juntar-se aos que antes da hecatombe haviam já construído e cristalizado um basepo

rior circunstância de criação do Estado. (Observemos que esta parte deve ser bem diferenciada daqueles destroços do Judaísmo europeu que chegaram à Palestina diretamente egressos dos campos de concentração). Esta leva do Judaísmo "americano", constituiu-se na última geração criativa do Sionismo Ocidental. Talvez se possa chamá-la de "4ª Aliá". Foi o último estertor criativo da potencia que foi o Sionismo Europeu. E o Sionismo é um movimento de caráter europeu. Depois disto, os que ficaram na América foram criando raízes e constituindo as comunidades americanas. Este movimento sionista "europeu-americano" deixou ainda influências. Este momento criativo do incipiente judaísmo americano deixou raízes ao sionismo latino-americano (mais especificamente) continuou atingindo a uma pequena camada da juventude. Mas o processo, depois deste primeiro momento, foi de enfraquecimento e extinção da chama. O Sionismo nunca ficou caracterizada como um autêntico produto do judaísmo americano.

O processo ocorrido no judaísmo latino-americano depois deste momento até aqui caracterizado é por nós conhecida, pois somos fruto dele. As Comunidades foram fixando raízes e observando à distância e temerosamente o desenvolver do Estado. Isto é natural, pois a sua realidade era instável e o pequeno e longínquo Estado, - então muito frágil - algo ainda mais instável. Uma pequena chama bruxuleante que foi esperada e admirada à distância. Este fator, da expectativa à distância é importante, pois não permite um envolvimento, uma ajuda ou uma defesa direta. Somente com a "Guerra dos 6 Dias" houve um real entrelaçamento entre estas comunidades americanas e o Estado, pois somente aí ele chegou a mostrar-se suficientemente forte e seguro para garantir uma identificação de comunidades tão instáveis e circundadas por meios sociais ainda mais instáveis. E p que ocorreu daí em diante com o sionismo americano? Alguns ramos de sionismo autêntico se mantiveram, mas marginais ao desenvolvimento das comunidades em geral. E como estertores autênticos mas marginais foram gradualmente perdendo a força como elemento social de valor e tornando-se cada vez mais vazios de conteúdo social verdadeiro. As comunidades foram mais ou menos se estabilizando e criando uma vida própria, autônoma. Com a estabilização, ainda precária, e com a afirmação do Estado de Israel, a identificação das comunidades com o mesmo foi gradualmente crescendo. Este foi exatamente o processo de afirmação do novo Estado como centro espiritual do Judaísmo contemporâneo, disperso. Até hoje em dia, neste momento posterior à Guerra dos 6 Dias e também à Guerra de Yom Kipur, esta identificação com o Estado foi crescendo e se alastrando entre a população das comunidades judaicas, pelo menos àquela parte que se manteve ligada aos centros de vida comunitária, já que grande parte também foi se afastando e se assimilando. Mas em tudo isto existe uma grande confusão. Esta crescente identificação entre o povo e o Estado tem sido até aqui chamada de Sionismo. Se o Sionismo foi em seus momentos de verdadeira criação um movimento de vanguarda e de elite revolucionária, de uma juventude disposta a alterar radicalmente as suas condições de vida e o compararmos a isto que hoje leva o nome de Sionismo, não resta dúvida que isto que hoje vemos - enquanto "sionismo" - só pode ser qualificado de uma "sopa aguada e insôssa", como alguns já se deram conta. Pois se os sucessivos Congressos Sionistas vem constantemente abrindo as antigas definições de Sionismo e buscando novas definições que permitam a participação de um maior número de adeptos. Pois se hoje em dia qualquer judeu abastado e que de certa forma garante a sua própria segurança doando dinheiro ao Estado pode se declarar sionista e - nos seus momentos de plena e maior criatividade o Movimento Sionista revolucionou a realidade judaica e mundial, criando instituições como o Estado e o Kibutz - deve estar havendo aqui alguma confusão.

Por esta razão, preferimos algumas linhas mais acima - e alguns dos leitores mais atentos já deverão ter percebido com estranheza - definir o Sionismo em seus limites históricos e cronológicos, como um movimento surgido em meados do século XIX no seio do Povo Judeu - isto é, um movimento inerente à história judaica, assim como tantos outros - e que recriou o Estado judeu da modernidade, perdurando provavelmente até meados do século XX. Assim sendo, além de lhe atribuirmos quase um século de duração profícua, atribuímos-lhe a criação do Estado judeu, quicá a maior criação judaica após a dispersão. Não, não se preocupem porventura os idealistas ou ideólogos. A história judaica é dinâmica e criativa e o Povo Judeu sempre soube se mostrar forte e criador quando em confronto com as circunstâncias históricas. O Povo Judeu continua vivo e a sua história segue inexorável em sua dinâmica própria, inserida no contexto da história da Humanidade. Também não quer tudo isto dizer que os ideais mais elevados colocados pelo Movimento Sionista perante o Povo Judeu e a Humanidade tenham perdido a sua validade. Simplesmente como um movimento da história judaica e mundial, ele teve seus limites cronológicos definidos. E tanto seus ideais continuam sendo válidos, que muito trabalho há pela frente para que as gerações vindouras, em seus movimentos próprios e característicos - isto é, adaptados às reais circunstâncias históricas de cada uma - consigam alcançar a mais algumas das metas de alto valor ético e humano por ele colocadas.

A criação do Estado de Israel não foi tarefa fácil. Foi tarefa de pioneiros, políticos hábeis, muito dinheiro, muito esforço e muito suor. Foi tarefa de judeus con-victos, calcados em dois mil anos de exílio e cansaço de sofrimento e perseguição, mas também judeus dispostos a mudar a situação a qualquer preço. O resultado aí está e mostra que certos estavam a maioria deles. Mas é preciso manter a obra no nível - em que foi iniciada e dar continuidade aos ideais - não estritamente sionistas, mas os de caráter humano e universalista mais elevados por ela colocados. Pois como todos os maiores movimentos dentro do judaísmo e como autênticos Pioneiros do Povo ju-deu, o seu movimento não deixou de ter um essencial caráter de fé no futuro e de es-tar imbuido de ideal de Paz e Justiça para a Humanidade. Relativamente também, não foi movimento de muitos, mas sim de poucos e decididos que acabaram por modificar o rumo da história - foi um movimento de pioneiros, portanto uma elite. Elite preocupada basicamente na busca de soluções para um Povo todo. Se assim não houvesse sido, isto é, se muitas vezes estes pioneiros não tivessem abandonado tudo, mesmo ao Povo, em busca do seu ideal não creio que houvesse levado a cabo tarefa tão grandiosa, hoje chegamos a uma época em que esta criação já revolucionou a vida de todo o Povo, mesmo aqueles que se mostraram mais céticos e mesmo aqueles que hoje em dia criticam a realidade da obra. Pois, não tivesse a obra importante tão vultuosa não estariam todos tão preocupados com a sua existência. Pois uma obra que a princípio se mostrara tão difícil e inexequível, tem hoje em dia o dom de ferir sensivelmente a todos aqueles deterministas convietos - como por exemplo alguns marxistas e que tão duramente se enganaram quando enquadraram os judeus na sua generalização da questão nacional - ou aos céticos no mundo de ceticismo em que vivemos, mas já na fase de esvaziamento de conteúdo e vigor do movimento que descrevemos, houve alguns ramos sionistas que se mantiveram fieis ao conteúdo real do movimento em sua fase criativa. Entretanto, com a mudança radical da realidade, esta posição ortodoxa traz o mesmo perigo de divisão já apontado por nós anteriormente. Uma elite não é uma elite por que os seus membros são melhores dos que os restantes, mas por que as condições históricas assim os fazem. No momento, de maior pujança criativa do Sionismo, só não o seguiu quem não teve condições para tal (sem entrarmos em grandes considerações psicológicas), mas todo um povo parou em perspectiva. Mas a realidade é dinâmica e qualquer movimento realmente progressista deve estar apto a sem-perder o real conteúdo dos seus ideais - agir de acordo com as novas conjunturas históricas. Do contrário, mantendo-se fielmente ortodoxo aos primórdios simplesmente por estar cego à dinâmica da realidade, já se tornou reacionário. É necessário saber reconhecer o momento histórico. Assim tem sido o Povo Judeu - o movimento maior - durante toda a sua história. Sem perder o seu real conteúdo, soube manter-se atual e dinâmico com o momento histórico, num espírito absolutamente progressista. A ortodoxia pode, como uma forte crença, demover montanhas e pode também, em sua força, retardar os passos de um gigante. É preciso reconhecer o momento histórico.

O nosso momento histórico é de reunificação do Povo em torno de um ideal comum. Os ramos do Sionismo que se mantiveram parados no momento histórico, em lugar de elite passaram a ser marginais. Os que tem a cabeça e o coração impregnados de ideais justos e verdadeiros, devem saber criar novos movimentos adaptados as nossas reais conjunturas históricas. Pois o nosso momento, de criativo tornou-se triste, mas a nossa realidade continua sendo tão dinâmica e criativa como o tem sido durante toda a história. Que me desculpem os saudosistas, pois aos simplesmente radicais nada há o que desculpar.

Desenvolvida toda esta argumentação e peroração, voltemos a falar acerca da identidade judaica em Israel. Qualificamos já o Movimento Sionista e o Estado de Israel como frutos do Povo Judeu e da dinâmica própria da história judaica, inserida no contexto mundial. Não há por que separar: o Estado em sua história própria, continua inserido da história de todo o Povo, Deve ser um Estado essencialmente judaico e não somente um Estado de judeus. Chegou-se em determinado momento a encarar o novo Estado como solução para o "problema judeu", no sentido em que dentro dele seria possível a assimilação ao próprio Judaísmo. Chegou-se a dizer que Israel é o único lugar do mundo onde é possível deixar-se de ser "judeu". E, num certo sentido, a afirmação está citada de razão. Mas, ainda que a condição de judeu mude substancialmente na vida dentro do Estado e o "problema judeu" tome um caráter distinto, é por demais simplista afirmar que ele deixa de existir. É uma simplificação da realidade. Ainda assim chegam a existir tendências ideológicas que defendem uma tal linha de conduta. Logicamente concordamos que a possibilidade de assimilação existe na realidade em Israel. Concordamos com Memmi, quando diz que "Israel a real possibilidade de opção de assumir ou não a identidade judaica está aberta. Mas, mantendo-mos na mesma linha

de raciocínio que até aqui nos tem dirigido, achamos que uma tal posição - "Cnaanista" - prima por perder todo o conteúdo judaico autêntico e, portanto, o conteúdo humano de um real valor. Um Estado de judeus e não um Estado essencialmente judaico, sofreria o mesmo processo de perda do conteúdo com o manutenção da "forma", que acima descrevemos quando nos referimos ao "judaísmo desjudaizante". O problema toma um caráter mais coletivo isto é, nacional, mas seria um erro pensar que ele desapeça-se. O problema requer outras soluções muito mais complexas por tomarem um aspecto coletivo e não individual. Senão vejamos. O Povo Judeu tem enfrentado e resolvido durante dois mil anos de história no exílio, uma série de problemas espirituais, ou talvez fosse mais exato caracteriza-los como problemas físicos, cuja solução tomou um aspecto espiritual, por estarem impossibilitados de se expressarem materialmente. Começamos, por exemplo, com o árduo trabalho de codificação da religião que tem início logo em seguida à destruição do Templo de Jerusalem pelos romanos. Este trabalho este que tem o fito de aparelhar a uma religião esquematizada e definida - a suprir um duplo papel - até então cumprido em parte pelo Estado da Antiguidade - no manutenção e perpetuação de ideias nacional, Este trabalho só chega a um término com a entrega do Talmud enquanto a obra acabada.

E assim sucessivamente. O Povo Judeu vai se mantendo e se afirmando como um povo - "sui-generis". Com a criação do Estado, o Povo se vê novamente as voltas com intrinsecos problemas econômicos - como a produção agrícola em solo árido - e políticos, e como a existência de um Estado em meio a varios outros Estados hostis. E isto é uma sobrecarga a já avassalada o consciência Judaica, quanto mais não seja o fato de os problemas materiais exigirem soluções.

Entendemos aqui, que para que uma Nação viva dentro de um Estado, e sobreviva, é necessário que os problemas econômicos tenham uma solução a nível coletivo e não mais estritamente individual - como no caso de uma mineria nacional dispersa no seio de outra Nação. Mas muito mais do que isto, os problemas deixam de ter um caráter espiritual para tomarem um caráter material presente, nem sempre de acordo com a ética e a moral, Mas o homem durante toda a sua historia tem enfrentado problemas materiais e não poderia ser de outra forma pois isto é inerente a condição humana - e apesar das guerras e mortes inocentes, tem-se desenvolvido e crescido no seu aspecto ético e moral, espiritual, em suma, o que o completa como homem integro. Na vida do homem, os dois aspectos - o material e o espiritual - estão intrinsecamente ligados, bem as suas soluções. A Nação judaica estaria incompleta se se furtasse ao enfrentamento dos problemas materiais, alegando a sua condição especial de "nações-espirituais" Alegam ainda alguns, que a criatividade judaica tem descrecido com a existência ou melhor, que a época das grandes criações espirituais está terminada com a advenção do Estado. Ou ainda, que nos dias de hoje é impossível aliar-se a ética judaica a existência de um Estado. Tudo torna-se mais simples se entendermos que - neste aspecto, o Povo Judeu está novamente engatinhando no que se refere à experiência de dirigir o lado material). Mas esquecem-se também estes, que a herança espiritual de que somos possuidores formou-se em grande parte nas contradições diárias e materiais da sobrevivência do Estado e da Nação antigas, num mundo de realidade sócio-econômica própria e distinta da nossa. (E eles o fizeram! - permitam-nos e a exclamação). Esquecem-se ainda que o nosso Estado, na sua guerra glória pela sobrevivência, se estiver empenhado na consecução de uma paz com os vizinhos árabes - ainda que a princípio uma paz meramente política - e o alcançar, poderá estar criando um capítulo étnico invidável para as gerações vindouras. Ainda assim, percebendo no desenrolar do texto a frequente presença da palavra Estado. Não se enganem os leitores, pois - inserido já na nossa realidade - estar vivendo um estado judaico de Paz e Justiça na Humanidade.

Chegamos à alguma conclusão. O povo judeu como um todo, enfrentando esta conjuntura histórica que se lhe apresenta, deve buscar uma solução conjunta. A assimilação, ou a perda de identidade judaica, não se nos apresenta como solução, tanto para a parte do povo que vive em Israel quanto para a parte que vive em "Chutz Laaretz". Faz-se necessário em primeiro lugar um Judaísmo positivo e criativo. O campo de criação é amplo porque as bases históricas são amplas, e as realidades, apesar de interligadas, tem as suas nuances próprias. Neste sentido, o que se deve desenvolver é uma busca própria, partindo dos dados específicos de cada realidade.

A síntese de todas estas soluções particulares está no caminho geral que é de enraização no Judaísmo e conscientização do nosso momento histórico e do nosso papel nesse determinado momento. A ligação espiritual com a Nação Judaica como um todo e com o Estado de Israel como parte dela é a base para o desenvolvimento de um Judaísmo próprio e criativo em cada local. Deve dar-se durante o pro-

cesso de conscientização, pois o Estado de Israel é a expressão mais completa da nacionalidade judaica em nossos dias. Entretanto, a ligação física com o Estado de Israel deve ser somente o estágio final deste processo de enraizamento no Judaísmo e de formação de uma consciência histórica atual. Isto significa que o processo de ligação física com Eretz Israel, ou seja a Aliyah, deve ser um processo a longo prazo. E por que isto?

Em primeiro lugar, por que a Nação Judaica necessita de todo o seu contingente e este se encontra disperso. A concentração do Povo Judeu não é absolutamente um fator de caráter econômico, tanto que o caminho a ser seguido é o de concentração espiritual em torno de ideais comuns. E isto, por que observarmos a nossa realidade e vemos que para os membros do povo hoje em dia, não é um fator de premissa material. A nossa realidade é, no máximo, de um processo de aumento da concentração espiritual. E devemos partir dela. Por que, se formos historicamente conscientes, é a partir da conscientização desta mesma realidade - e não da sua negação, que devemos construir o ideal - a partir do qual nortearmos a nossa atuação dentro da mesma.

Em segundo lugar, por que, conscientes da avilidade humana dos nossos objetivos, sabemos que tudo isto não é uma simples questão técnica de tornar um Estado produtivo e viável em termos econômicos. Se alguns judeus convictos partindo de um ponto de vista marxista ortodoxo, julgarem que continua sendo através da proletarianização do povo judeu e da luta de classes que tal sociedade será mais justa na sua solução dos problemas humanos, estamos dispostos a estudar conjuntamente as questões e as propostas. E se ainda assim, nossas análises divergirem, a própria dinâmica histórica e a dialética que lhe é inerente, farão a sua síntese no caminho de uma sociedade melhor. Mas, voltando à nossa consciência humanística dos objetivos a serem alcançados e baseados num posicionamento judaico autêntico, sabemos que não nos interessa a simples aglomeração de judeus no Oriente Médio. Sabemos perfeitamente os perigos de tal posição, pois vemos já alguns frutos se manifestarem na nossa realidade. Sabemos que queremos uma sociedade e um Estado judaicos na sua essência.

Não um simples Estado de judeus, - uma forma que perde o conteúdo - uma casca vazia do significado - uma estrutura que já não condiz com a dinâmica da realidade que a cerca - uma sociedade tecnicamente produtiva, mas que já perdeu a sua visão do futuro - uma simples solução momentânea que já se ouviu dos seus ideais primeiros e fundamentais.

Não necessitamos portanto de judeus desgratados que buscam abrigo, ainda que a realidade assim o obrigar o abrigo estará sempre pronto. E isto, por que sabemos que o nosso momento não nos cerra as saídas, não nos encerrala as soluções. Podemos portanto, ser muito mais criativos, pois optamos sem a premissa de soluções. Necessitamos sim, de judeus conscientes e convictos da sua condição, preparados e aptos a atuarem na realidade sem que a sua visão dos objetivos seja turvada pelo dia-a-dia. Necessitamos sim judeus que a partir da sua consciência tenham forjado os ideais que a qualquer custo deverão nortear a sua atuação enquanto homens. Necessitamos sim de judeus, que enraizados no seu passado e nas suas obrigações não perderam a sua fé no futuro.

E não precisam ter medo, meus irmãos judeus. Se buscarem com minúcia no decorrer da história judaica as raízes de que necessitam. Se analisarem com profundidade os ideais colocados no passado, dentro dos momentos históricos de que são frutos, encontrarão a trilha judaica atapejada de atitudes humanas e de ideais elevados, passíveis de nos servirem de exemplo realizador, pois como judeus de hoje não somos frutos de outra coisa. Não tenham medo, meus irmãos judeus, de buscar no profundo judaísmo o alento para nossa chama judaica que se extingue, de buscar no seu passado judeu a origem da nossa identidade judaica que perde conteúdo. Não tenham medo, de finalmente encontrar no passado a essência que vos situa no presente e vos devolva a fé no futuro.

Toda a pregação é fruto do que?

É fruto do processo histórico pelo qual passamos que já tentamos conscientizar o que vemos com olhos sumamente desiludidos, justamente por partir a mirada do passado e passando pelo presente pressentir um futuro. Mas se toda esta pregação de nada servir para alentar os que por ventura a ouvirem e em nada atuar no processo que vivemos - através de vocês mesmos que me ouvem - pelo menos terá servido o meu texto para provar ao futuro que nem todas as vozes judaicas se calaram ao clamor da realidade, que neste nosso momento, nem todas as vozes se acomodaram e se abandonaram ao sabor do processo histórico.

Em suma, achamos que a sociedade judaica se cria dentro do Estado, deve ser judaica em sua essência e em todos os seus aspectos, inclusive no próprio

XI

Quero incluir aqui duas observações metodológicas, antes de prosseguir. A primeira é que todo este processo dentro do qual nos inserimos juntamente com as nossas idéias, este processo de abertura do meio externo e esvaziamento do conteúdo judaico, diz respeito especificamente à realidade que nos rodeia, ou seja a realidade judaica brasileira e sociedade brasileira em geral, onde a primeira se insere. O processo é extremamente distinto, por exemplo, na União Soviética, onde a realidade é exatamente a oposta a esta descrita. Mas se a síntese destas duas realidades dá-se na realidade judaica mundial de hoje e mais especificamente no Estado de Israel, onde se encontram fisicamente as duas mentalidades.

A segunda, sem me estender em novas conceituações, é que o judaísmo não é uma doutrina econômica.

XII

Em suma, o judaísmo disperso tem condições de ser criativo nos locais onde atualmente está fixado. Existe uma aproximação espiritual entre todo o povo Judeu, aproximação esta centralizada em Israel e que tem e deve ter, influência direta na formação da sociedade israeli, seja através da preocupação com as comunidades dispersas, seja através do elemento físico de "Chutz Laaretz" que se radica em Israel. Da mesma forma, a cristalização do Estado e da sua sociedade no Oriente Médio, influencia o desenvolvimento das comunidades e constitui-se num valor indiscutível da identidade judaica dos nossos dias.

O processo nas comunidades significa o assumir de uma verdadeira identidade judaica, a partir de uma enraização no Judaísmo e nos seus valores autênticos. A ligação física com o Estado de Israel e a sua sociedade, se houver, deve ser um estágio posterior deste processo de conscientização judaica e de aproximação espiritual entre as comunidades. Por fim, achamos que a sociedade judaica que se cria dentro do Estado e responsabilidade de todo o povo, deve ser essencialmente judaica, inclusive no aspecto do Estado que ela mantém.

XIII

Qual a mentalidade da sociedade que se forma dentro do Estado? O judeu de Israel, o sabra, é patriota e orgulhoso da sua terra. No que se refere à defesa do país e da sua identidade judaica, que tem um aspecto material indiscutível. Apesar disto, por força das circunstâncias da sua formação é bastante pragmático e materialista. Existe uma expressão hebraica que caracteriza bem o seu ponto de vista: "Ein Breirá" (não há remédio, as coisas são assim mesmo).

Já o judeu de "Chutz Laaretz" é espiritual e universalista por excelência. Além disso, tem uma série de recalques e complexos provenientes da sua condição de judeu. Este, em contrapartida, não conhece as fronteiras. Em comum, os dois se destacam por sua força de vontade e pelo seu espírito de luta.

A Paz na região, mas não somente uma Paz instável e momentânea, assentada nos caprichos da política mundial e local, e sim uma Paz de fato, é algo de difícil vislumbre na realidade de hoje. É um processo longo e doloroso, que a partir de uma paz política precária e de um anseio consciente pela Paz, pode durar algumas gerações. Todavia, esta Paz é indispensável e vital para a sobrevivência do Estado e do povo no evento deste objetivo maior. Neste aspecto, o papel do judeu de "Chutz Laaretz" dentro da sociedade israeli é indiscutível.

Existe ainda outra função específica da sociedade israeli. Em certos aspectos ela é uma somatória de mentalidades e problemáticas específicas das várias comunidades de origem. Faz-se necessário um longo trabalho de síntese, que pode ser universal e positiva no sentido em que guarde as boas características trazidas e elimine as retrógradas. Esta síntese de mentalidades, será a verdadeira mentalidade judaica de Israel e da sociedade israeli.

Júlio Warchavsky.

